

MEDIUNIDADE II

1. Os espíritos

1.1. Há espíritos?

A dúvida, no que concerne à existência dos Espíritos, tem como causa primária a ignorância acerca da verdadeira natureza deles. Geralmente, são figurados como seres à parte na criação e de cuja existência não está demonstrada a necessidade. Muitas pessoas, mais ou menos como as que só conhecem a História pelos romances, apenas os conhecem através dos contos fantásticos com que foram acalentadas em criança.

Sem indagarem se tais contos, despojados dos acessórios ridículos, encerram algum fundo de verdade, essas pessoas unicamente se impressionam com o lado absurdo que eles revelam. Sem se darem ao trabalho de tirar a casca amarga, para achar a amêndoa, rejeitam o todo, como fazem, relativamente à religião, os que, chocados por certos abusos, tudo englobam numa só condenação.

Seja qual for a idéia que dos Espíritos se faça, a crença neles necessariamente se funda na existência de um princípio inteligente fora da matéria. Essa crença é incompatível com a negação absoluta deste princípio. Tomamos, conseqüentemente, por ponto de partida, a existência, a sobrevivência e a individualidade da alma, existência, sobrevivência e individualidade que têm no Espiritualismo a sua demonstração teórica e dogmática e, no Espiritismo, a demonstração positiva: fatos se nos deparam no fenômeno das manifestações espíritas, que, assim, constituem a prova patente da existência e da sobrevivência da alma.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 1ª parte – cap. I

1.2. Quem são

Espíritos são **seres inteligentes** que habitam o universo, quer estejam **encarnados** ou **desencarnados**. Todos nós somos espíritos.

Quando encarnados, possuímos corpo material e corpo espiritual (perispírito). Desencarnados, conservamos apenas o corpo espiritual.

76. Que definição se pode dar dos Espíritos?

“Pode dizer-se que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material.”

NOTA - A palavra Espírito é empregada aqui para designar as individualidades dos seres extracorpóreos e não mais o elemento inteligente do Universo.

Ora, essas almas que povoam o Espaço são precisamente o a que se chama Espíritos. Assim, pois, os Espíritos não são senão as almas dos homens, despojadas do invólucro corpóreo.

93. O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer?

“Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira.”

Envolvendo o germen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar perispírito, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito.

94. De onde tira o Espírito o seu invólucro semimaterial?

“Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.”

a) Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro?

“É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos.”

95. O invólucro semimaterial do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível?

“Tem a forma que o Espírito queira. É assim que este vos aparece algumas vezes, quer em sonho, quer no estado de vigília, e que pode tomar forma visível, mesmo palpável.”

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – 2ª parte – cap. I

Figuremos, primeiramente, o Espírito em união com o corpo. Ele é o ser principal, pois que é o ser que pensa e sobrevive. O corpo não passa de um acessório seu, de um invólucro, uma veste, que ele deixa, quando usada. Além desse invólucro material, tem o Espírito um segundo, semimaterial, que o liga ao primeiro. Por ocasião da morte, despoja-se deste, porém não do outro, a que damos o nome de perispírito. Esse invólucro semimaterial, que tem a forma humana, constitui para o Espírito um corpo fluídico, vaporoso, mas que, pelo fato de nos ser invisível no seu estado normal, não deixa de ter algumas das propriedades da matéria. O Espírito não é, pois, um ponto, uma abstração; é um ser limitado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável, para se assemelhar aos seres humanos. Por que, então, não haveria de atuar sobre a matéria? Por ser fluídico o seu corpo? Mas, onde encontra o homem os seus mais possantes motores, senão entre os mais rarificados fluidos, mesmo entre os que se consideram imponderáveis, como, por exemplo, a eletricidade? Não é exato que a luz, imponderável, exerce ação química sobre a matéria ponderável? Não conhecemos a natureza íntima do perispírito. Suponhamo-lo, todavia, formado de matéria elétrica, ou de outra tão sutil quanto esta: por que, quando dirigido por uma vontade, não teria propriedade idêntica à daquela matéria?

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 1ª parte – cap. I

1.3. Origem

O grau de evolução em que nos encontramos ainda não nos permite saber o modo e a época da criação dos espíritos.

Já sabemos, porém, que os espíritos:

- São seres inteligentes criados por Deus.
- Tiveram um princípio (não são eternos) mas não terão fim (**são imortais**).
- Resultam de **individualização do princípio inteligente** (assim como os seres orgânicos são a individualização do princípio material).

Do princípio inteligente sempre estão se individualizando espíritos. E, neste sentido, podemos dizer que **a criação de espíritos por Deus é permanente** e Deus sempre os criou, continua criando e criará sempre.

78. Os Espíritos tiveram princípio, ou existem, como Deus, de toda a eternidade?

“Se não tivessem tido princípio, seriam iguais a Deus, quando, ao invés, são criação sua e se acham submetidos à Sua vontade. Deus existe de toda a eternidade, é incontestável. Quanto, porém, ao modo por que nos criou e em que momento o fez, nada sabemos. Podes dizer que não tivemos princípio, se quiseres com isso significar que, sendo eterno, Deus há de ter sempre criado ininterruptamente. Mas, quando e como cada um de nós foi feito, repito-te, nenhum o sabe: aí é que está o mistério.”

79. Pois que há dois elementos gerais no Universo: o elemento inteligente e o elemento material, poder-se-á dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes o são do elemento material?

“Evidentemente. Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo por que essa formação se operou é que são desconhecidos.”

80. A criação dos Espíritos é permanente, ou só se deu na origem dos tempos?

“É permanente. Quer dizer: Deus jamais deixou de criar.”

81. Os Espíritos se formam espontaneamente, ou procedem uns dos outros?

“Deus os cria, como a todas as outras criaturas, pela Sua vontade. Mas, repito ainda uma vez, a origem deles é mistério.”

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – 2ª parte – cap. I

1.4. Natureza

Os espíritos são:

Incorpóreos - entretanto, são alguma coisa; substância quintessenciada, sutil, etérea.

Indivisíveis - não podem ser dividir para estar em dois lugares ao mesmo tempo. Mas irradiam suas forças e seus pensamentos, agindo com eles à distância, e suas irradiações e efeitos podem ser então captadas. Com isso, dão às vezes a impressão de estarem em dois lugares diferentes ao mesmo tempo.

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – 2ª parte – cap. I

1.5. Forma

O espírito (ser espiritual, inteligente) **não tem forma definida** para nós. Analisando-o pelos seus efeitos, podemos dizer que ele é um clarão, uma chama, uma centelha etérea. Essa centelha tem uma coloração que vai desde o aspecto escuro e opaco até uma cor brilhante e clara, conforme a evolução do espírito.

88. Os Espíritos têm forma determinada, limitada e constante?

“Para vós, não; para nós, sim. O Espírito é, se quiserdes, uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea.”

a) Essa chama ou centelha tem cor?

“Tem uma coloração que, para vós, vai do colorido escuro e opaco a uma cor brilhante, qual a do rubi, conforme o Espírito é mais ou menos puro.”

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – 2ª parte – cap. I

1.6. Sexo

O Espírito **não tem sexo** (na forma como entendemos o sexo na organização material). Não são diferentes os espíritos que animam os homens dos que animam corpos femininos. O espírito encarna, com o sexo que melhor convém à tarefa que necessita realizar naquela existência; e lhe compete usar com equilíbrio, respeito e correção a forma corpórea que lhe foi concedida.

1.7. Movimentação

Os espíritos podem movimentar-se com a rapidez do pensamento; também podem percorrer mais devagar um espaço, observando o caminho percorrido.

A matéria (água, fogo, ar, etc.) não constitui obstáculo para o espírito.

89. Os Espíritos gastam algum tempo para percorrer o espaço?

“Sim, mas fazem-no com a rapidez do pensamento.”

a) O pensamento não é a própria alma que se transporta?

“Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também aí está, pois que é a alma quem pensa. O pensamento é um atributo.”

90. O Espírito que se transporta de um lugar a outro tem consciência da distância que percorre e dos espaços que atravessa, ou é subitamente transportado ao lugar onde quer ir?

“Dá-se uma e outra coisa. O Espírito pode perfeitamente, se o quiser, inteirar-se da distância que percorre, mas também essa distância pode desaparecer completamente, dependendo isso da sua vontade, bem como da sua natureza mais ou menos depurada.”

91. A matéria opõe obstáculo ao Espírito?

“Nenhum; eles passam através de tudo. O ar, a terra, as águas e até mesmo o fogo lhes são igualmente acessíveis.”

92. Têm os Espíritos o dom da ubiqüidade? Por outras palavras: um Espírito pode dividir-se, ou existir em muitos pontos ao mesmo tempo?

“Não pode haver divisão de um mesmo Espírito; mas, cada um é um centro que irradia para diversos lados. Isso é que faz parecer estar um Espírito em muitos lugares ao mesmo tempo. Vês o Sol? É um somente. No entanto, irradia em todos os sentidos e leva muito longe os seus raios. Contudo, não se divide.”

a) Todos os Espíritos irradiam com igual força?

“Longe disso. Essa força depende do grau de pureza de cada um.”

Cada Espírito é uma unidade indivisível, mas cada um pode lançar seus pensamentos para diversos lados, sem que se fracione para tal efeito. Nesse sentido unicamente é que se deve entender o dom da ubiqüidade atribuído aos Espíritos. Dá-se com eles o que se dá com uma centelha, que projeta longe a sua claridade e pode ser percebida de todos os pontos do horizonte; ou, ainda, o que se dá com um homem que, sem mudar de lugar e sem se fracionar, transmite ordens, sinais e movimento a diferentes pontos.

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – 2ª parte – cap. I

1.8. Destinação

Deus nada cria inutilmente. No conjunto da vida universal, cada ser tem uma função natural a desempenhar, função que, por mais simples que seja, é sempre valiosa e importante.

Os espíritos, criados que são por Deus, também têm, portanto, um papel determinado e útil dentro da Criação. A função que exercem é de acordo com sua capacidade; as funções vão desde a simples animação da matéria até o executar das ordens de Deus para a manutenção da harmonia universal.

1.9. Evolução

Exercendo seu papel no Universo, os espíritos evoluem, isto é, desenvolvem e aprimoram suas faculdades; e, quanto mais evoluem, mais usufruem de suas faculdades.

Deus (que é soberanamente justo e bom) estabeleceu igualdade no processo de evolução para todos os espíritos, de tal modo que todos têm:

- Um mesmo ponto de partida (todos criados simples e ignorantes).
- As mesmas condições básicas (todos com as mesmas qualidades em potencial) a serem desenvolvidas com seu próprio trabalho e ao longo do tempo.
- A mesma destinação (todos rumam para a situação de espírito puro): a perfeição e a felicidade.

Na Terra, a ligação do espírito com a matéria começou há muitos e muitos milênios. De início, produziu formas minerais, passando depois às vegetais, às animais, até atingir a formação da espécie humana. Nessa trajetória evolutiva, o princípio inteligente foi exercitando suas faculdades; da irritação, passou à sensibilidade, desta ao instinto e do instinto à inteligência, quando no dizer de André Luiz, alcançou o “pensamento contínuo”, o circuito completo para a onda mental. Do grau de humanidade, estamos rumando para um novo estado: a angelitude.

114. Os Espíritos são bons ou maus por natureza, ou são eles mesmos que se melhoram?

“São os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada.”

115. Dos Espíritos, uns terão sido criados bons e outros maus?

“Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber. A cada um deu determinada missão, com o fim de esclarecê-los e de os fazer chegar progressivamente à perfeição, pelo conhecimento da verdade, para aproximá-los de si. Nesta perfeição é que eles encontram a pura e eterna felicidade. Passando pelas provas que Deus lhes impõe é que os Espíritos adquirem aquele conhecimento. Uns aceitam submissos essas provas e chegam mais depressa à meta que lhes foi assinada. Outros só a suportam murmurando e, pela falta em que desse modo incorrem, permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade.”

a) Segundo o que acabais de dizer, os Espíritos, em sua origem, seriam como as crianças, ignorantes e inexperientes, só adquirindo pouco a pouco os conhecimentos de que carecem com o percorrerem as diferentes fases da vida?

“Sim, a comparação é boa. A criança rebelde se conserva ignorante e imperfeita. Seu aproveitamento depende da sua maior ou menor docilidade. Mas, a vida do homem tem termo, ao passo que a dos Espíritos se prolonga ao infinito.”

116. Haverá Espíritos que se conservem eternamente nas ordens inferiores?

“Não; todos se tornarão perfeitos. Mudam de ordem, mas demoradamente, porquanto, como já doutra vez dissemos, um pai justo e misericordioso não pode banir seus filhos para sempre. Pretenderias que Deus, tão grande, tão bom, tão justo, fosse pior do que vós mesmos?”

117. Depende dos Espíritos o progredirem mais ou menos rapidamente para a perfeição?

“Certamente. Eles a alcançam mais ou menos rápido, conforme o desejo que têm de alcançá-la e a submissão que testemunham à vontade de Deus. Uma criança dócil não se instrui mais depressa do que outra recalcitrante?”

118. Podem os Espíritos degenerar?

“Não; à medida que avançam, compreendem o que os distanciava da perfeição. Concluindo uma prova, o Espírito fica com a ciência que daí lhe veio e não a esquece. Pode permanecer estacionário, mas não retrograda.”

121. Por que é que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros o do mal?

“Não têm eles o livre-arbítrio? Deus não os criou maus; criou-os simples e ignorantes, isto é, tendo tanta aptidão para o bem quanta para o mal. Os que são maus, assim se tornaram por vontade própria.”

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – 2ª parte – cap. I

1.10. Encarnação

O espírito encarna quando se une a matéria formando um corpo para nascer num mundo material.

O espírito pode encarnar neste ou em outros mundos que correspondam ao seu grau de evolução. Seu corpo se formará de acordo com a matéria e leis do mundo que vai habitar.

No mundo em que encarna, o espírito é um agente sobre a matéria de que esse mundo se compõe e sobre os seres que o habitam.

1.11. Erraticidade

Espírito **errante** é aquele que se encontra no plano espiritual aguardando nova encarnação num mundo corpóreo, ao qual ainda está ligado. **Erraticidade** é o estado do espírito nesse intervalo entre duas encarnações.

O espírito que está na erraticidade:

- É mais ou menos feliz (conforme foi sua existência no mundo material).
- Pode ali permanecer apenas algumas horas ou por milhares de anos.
- Progride, adquirindo conhecimentos, modificando suas idéias sobre a vida.
- Ainda terá de reencarnar (cedo ou tarde) para experiências e provas nos mundos materiais, onde irá por em prática o que aprendeu, cumprindo seu papel no Universo e continuando seu progresso.

Observação: a condição, situação e possibilidades do espírito dependem sempre de seu estado evolutivo, variando conforme o seu grau de progresso. Na reunião de estudo “Livre arbítrio e progresso” teremos mais informações a respeito.

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – 2ª parte – caps. I (76/92, 114/127), II (132/133), IV (172/188, 200/202), VI (223/233)

O Céu e o Inferno – Allan Kardec – 1ª parte – cap. III (7/15)

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – cap. IV (24/26)

1.12. Escala espírita

Como é constante a individualização de espíritos a partir do princípio inteligente, e como os espíritos progridem uns mais, outros menos rapidamente, há e sempre haverá espíritos em diferentes graus de evolução.

Imaginemos, então, uma imensa escada. No ponto inicial dela, o espírito tal como foi criado (simples e ignorante). Ao fim da escada, estaria o espírito já puro. Haveria um número imenso de degraus, pois são sem conta os estágios evolutivos pelos quais, cada espírito tem de passar. E a mudança de um degrau para outro é quase imperceptível.

TERCEIRA CATEGORIA

(Allan Kardec começa a classificar de baixo para cima).

ESPÍRITOS IMPERFEITOS

De modo geral, identificamos neles:

- Predominância da matéria sobre o espírito.
- Propensão ao mal.
- Orgulho, egoísmo, ignorância.
- Pouco conhecimento das coisas espirituais.

Dividem-se em:

10ª CLASSE - ESPÍRITOS IMPUROS

Inclinados ao mal, fazem o mal por prazer, por aversão ao bem.

9ª CLASSE - ESPÍRITOS LEVIANOS

Maliciosos, zombeteiros, irrefletidos. Sentem prazer em enganar e causar pequenas contrariedades de que se riem.

8ª CLASSE - ESPÍRITOS PSEUDO-SÁBIOS

Têm algum conhecimento, porém julgam saber mais do que realmente sabem. Neles, o orgulho, a vaidade, a presunção, fazem-nos julgarem-se superiores.

7ª CLASSE - ESPÍRITOS NEUTROS

Nem maus para fazerem o mal e nem bastante bons para fazerem o bem.

6ª CLASSE - ESPÍRITOS BATEDORES E PERTURBADORES

Manifestam sua presença através de efeitos físicos, como batidas, deslocação de objetos, etc. (poltergeist).

SEGUNDA CATEGORIA

BONS ESPÍRITOS

Neles há:

- Predominância do espírito sobre a matéria.
- Desejo do bem.
- Compreensão de Deus e do Infinito (ou seja, da vida espiritual universal, embora varie neles o grau dessa compreensão).

Dividem-se em:

5ª CLASSE - ESPÍRITOS BENÉVOLOS

Sem terem ainda grande conhecimento, a bondade é sua principal qualidade.

4ª CLASSE - ESPÍRITOS SÁBIOS (DE CIÊNCIA)

Destacam-se pelos seus grandes conhecimentos intelectuais.

3ª CLASSE - ESPÍRITOS DE SABEDORIA

Aliam grandes qualidades morais à grande capacidade intelectual.

2ª CLASSE - ESPÍRITOS SUPERIORES

Reúnem em si a ciência, a sabedoria e a bondade.

Quando encarnam em mundo como a Terra, é por missão.

PRIMEIRA CATEGORIA

ESPÍRITOS PUROS

CLASSE ÚNICA

Neles, a matéria nenhuma influência exerce. Há superioridade intelectual e moral absoluta. Atingiram a perfeição (no grau que podemos conceber, pois que a evolução é incessante). Sendo espíritos já aperfeiçoados, tornam-se os mensageiros, os ministros de Deus, executores de sua vontade.

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – 2ª parte – cap. I

1.13. Anjos e demônios

Não são seres à parte da Criação. Deus não criou seres em diferentes estados mas todos simples e ignorantes, com capacidade de evoluírem.

Anjos, arcanjos e serafins

São os espíritos puros, que já percorreram toda a escala evolutiva.

Demônios

São os espíritos impuros, voltados ainda para o mal mas que, um dia, sairão dessa condição inferior e, passando pelos degraus da escala evolutiva, atingirão também a perfeição.

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – 2ª parte – cap. I

REFLEXÃO

É necessário encarar-se a situação dos desencarnados com a precisa naturalidade. Não há forças miraculosas para os seres humanos, como não existem igualdades para nós. O livre arbítrio relativo nunca é ab-rogado a todos nós; em conjunto, somos obrigados, em qualquer plano da vida, a trabalhar pelo nosso próprio adiantamento.

Emmanuel

2. Ação dos espíritos no mundo corporal

2.1. A alma depois da morte pode manifestar-se aos vivos?

52. Posta de lado a opinião materialista, porque condenada pela razão e pelos fatos, tudo se resume em saber se a alma, depois da morte, pode manifestar-se aos vivos. Reduzida assim à sua expressão mais singela, a questão fica extraordinariamente desembaraçada. Caberia, antes de tudo, perguntar por que não poderiam seres inteligentes, que de certo modo vivem no nosso meio, se bem que invisíveis por natureza, atestar-nos de qualquer forma sua presença. A simples razão diz que nisto nada absolutamente há de impossível, o que já é alguma coisa. Demais, esta crença tem a seu favor o assentimento de todos os povos, porquanto com ela deparamos em toda parte e em todas as épocas. Ora, nenhuma intuição pode mostrar-se tão generalizada, nem sobreviver ao tempo, se não tiver algum fundamento. Acresce que se acha sancionada pelo testemunho dos livros sagrados e pelo dos Pais da Igreja, tendo sido preciso o cepticismo e o materialismo do nosso século para que fosse lançada ao rol das idéias supersticiosas. Se estamos em erro, aquelas autoridades o estão igualmente. Mas, isso não passa de considerações de ordem moral.

Uma causa, especialmente, há contribuído para fortalecer a dúvida, numa época tão positiva como a nossa, em que toda gente faz questão de se inteirar de tudo, em que se quer saber o porquê e o como de todas as coisas. Essa causa é a ignorância da natureza dos Espíritos e dos meios pelos quais se podem manifestar. Adquirindo o conhecimento daquela natureza e destes meios, as manifestações nada mais apresentam de espantosas e entram no cômputo dos fatos naturais.

53. A idéia que geralmente se faz dos Espíritos torna à primeira vista incompreensível o fenômeno das manifestações. Como estas não podem dar-se, senão exercendo o Espírito ação sobre a matéria, os que julgam que a idéia de Espírito implica a de ausência completa de tudo o que seja matéria perguntam, com certa aparência de razão, como pode ele obrar materialmente. Ora, aí o erro, pois que o Espírito não é uma abstração, é um ser definido, limitado e circunscrito. O Espírito encarnado no corpo constitui a alma. Quando o deixa, por ocasião da morte, não sai dele despido de todo o envoltório. Todos nos dizem que conservam a forma humana e, com efeito, quando nos aparecem, trazem as que lhes conhecíamos.

54. Numerosas observações e fatos irrecusáveis, de que mais tarde falaremos, levaram à consequência de que há no homem três componentes: 1º, a alma, ou Espírito, princípio inteligente, onde tem sua sede o senso moral; 2º, o corpo, invólucro grosseiro, material, de que ele se revestiu temporariamente, em cumprimento de certos desígnios providenciais; 3º, o perispírito, envoltório fluídico, semimaterial, que serve de ligação entre a alma e o corpo.

A morte é a destruição, ou, antes, a desagregação do envoltório grosseiro, do invólucro que a alma abandona. O outro se desliga deste e acompanha a alma que, assim, fica sempre com um envoltório. Este último, ainda que fluídico, etéreo, vaporoso, invisível, para nós, em seu estado normal, não deixa de ser matéria, embora até ao presente não tenhamos podido assenhorear-nos dela e submetê-la à análise.

Esse segundo invólucro da alma, ou perispírito, existe, pois, durante a vida corpórea; é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe e pelo qual transmite sua vontade ao exterior e atua sobre os órgãos do corpo.

55. Não dito que o Espírito é uma chama, uma centelha. Isto se deve entender com relação ao Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, a que se não poderia atribuir forma determinada. Mas, qualquer que seja o grau em que se encontre, o Espírito está sempre revestido de um envoltório, ou perispírito, cuja natureza se eteriza, à medida que ele se depura e eleva na hierarquia espiritual. De sorte que, para nós, a idéia de forma é inseparável da de Espírito e não concebemos uma sem a outra. O perispírito faz, portanto, parte integrante do Espírito, como o corpo o faz do homem. Porém, o perispírito, só por só, não é o Espírito, do mesmo modo que só o corpo não constitui o homem, porquanto o perispírito não pensa. Ele é para o Espírito o que o corpo é para o homem: o agente ou instrumento de sua ação.

56. Ele tem a forma humana e, quando nos aparece, é geralmente com a que revestia o Espírito na condição de encarnado. Devemos concluir de tudo isto que a forma humana é a forma tipo de todos os seres humanos, seja qual for o grau de evolução em que se achem. Mas a matéria sutil do perispírito não possui a tenacidade, nem a rigidez da matéria compacta do corpo; é, se assim nos podemos exprimir, flexível e expansível, donde resulta que a forma que toma, conquanto decalcada na do corpo, não é

absoluta, amolga-se à vontade do Espírito, que lhe pode dar a aparência que entenda, ao passo que o invólucro sólido lhe oferece invencível resistência.

Livre desse obstáculo que o comprimia, o perispírito se dilata ou contrai, se transforma: presta-se, numa palavra, a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que sobre ele atua. Por efeito dessa propriedade do seu envoltório fluídico, é que o Espírito que quer dar-se a conhecer pode, em sendo necessário, tomar a aparência exata que tinha quando vivo, até mesmo com os acidentes corporais que possam constituir sinais para o reconhecerem. Os Espíritos, portanto, são, como se vê, seres semelhantes a nós, constituindo, ao nosso redor, toda uma população, invisível no estado normal. Dizemos – no estado normal, porque, conforme veremos, essa invisibilidade nada tem de absoluta.

57. Voltemos à natureza do perispírito, pois que isto é essencial para a explicação que temos de dar. Dissemos que, embora fluídico, o perispírito não deixa de ser uma espécie de matéria, o que decorre do fato das aparições tangíveis, a que volveremos. Sob a influência de certos médiuns, tem-se visto aparecerem mãos com todas as propriedades de mãos vivas, que, como estas, denotam calor, podem ser palpadadas, oferecem a resistência de um corpo sólido, agarram os circunstantes e, de súbito, se dissipam, quais sombras. A ação inteligente dessas mãos, que evidentemente obedecem a uma vontade, executando certos movimentos, tocando até melodias num instrumento, prova que elas são parte visível de um ser inteligente invisível. A tangibilidade que revelam, a temperatura, a impressão, em suma, que causam aos sentidos, porquanto se há verificado que deixam marcas na pele, que dão pancadas dolorosas, que acariciam delicadamente, provam que são de uma matéria qualquer. Seus desaparecimentos repentinos provam, além disso, que essa matéria é eminentemente sutil e se comporta como certas substâncias que podem alternativamente passar do estado sólido ao estado fluídico e vice-versa.

58. A natureza íntima do Espírito propriamente dito, isto é, do ser pensante, desconhecemo-la por completo. Apenas pelos seus atos ele se nos revela e seus atos não nos podem impressionar os sentidos, a não ser por um intermediário material. O Espírito precisa, pois, de matéria, para atuar sobre a matéria. Tem por instrumento direto de sua ação o perispírito, como o homem tem o corpo. Ora, o perispírito é matéria, conforme acabamos de ver. Depois, serve-lhe também de agente intermediário o fluido universal, espécie de veículo sobre que ele atua, como nós atuamos sobre o ar, para obter determinados efeitos, por meio da dilatação, da compressão, da propulsão, ou das vibrações.

Considerada deste modo, facilmente se concebe a ação do Espírito sobre a matéria. Compreende-se, desde então, que todos os efeitos que daí resultam cabem na ordem dos fatos naturais e nada têm de maravilhosos. Só pareceram sobrenaturais, porque se lhes não conhecia a causa. Conhecida esta, desaparece o maravilhoso e essa causa se inclui toda nas propriedades materiais do perispírito. É uma ordem nova de fatos que uma nova lei vem explicar e dos quais, dentro de algum tempo, ninguém mais se admirará como ninguém se admira hoje de se corresponder com outra pessoa, a grande distância, em alguns minutos, por meio da eletricidade.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – cap. I

Admitida a existência, a sobrevivência e a individualidade da alma, o Espiritismo reduz-se a uma só questão principal: Serão possíveis as comunicações entre as almas e os vivos?

Essa possibilidade foi demonstrada pela experiência; e, uma vez estabelecido o fato das relações entre o mundo visível e o mundo invisível, e conhecidos a natureza, o princípio e o mundo dessas relações, abriu-se um novo campo à observação, encontrando-se a chave de grande número de problemas.

O que faz nascer na mente de muitas pessoas a dúvida sobre a possibilidade das comunicações de além-túmulo, é a idéia falsa que têm do estado da alma depois da morte.

Afigura-se-lhes ser um sopro, uma fumaça, uma coisa vaga e apenas admissível ao pensamento, que se evapora e vai, não se sabe para aonde, mas, naturalmente, para lugar tão distante que se custa a compreender como possa tornar à Terra.

Se, ao contrário, for considerada unida a um corpo fluídico, semimaterial, formando com ele um ser concreto e individual, as suas relações com os vivos nada têm de incompatível com a razão.

O mundo visível, vivendo no meio do invisível, com o qual está em contato perpétuo, origina uma incessante reação de cada um deles sobre o outro, e pode-se dizer que, desde que houve homens, houve

também Espíritos, e que, se estes têm o poder de se manifestar, devem tê-lo feito em todas as épocas e entre todos os povos.

As relações entre os mundos visível e invisível podem ser ocultas ou patentes, espontâneas ou provocadas.

Os espíritos atuam sobre os homens de modo oculto, sugerindo-lhes pensamentos e influenciando-os, de modo patente, por meio de efeitos apreciáveis aos sentidos.

As manifestações espontâneas dão-se inopinadamente e de improviso; elas se produzem, muitas vezes, entre as pessoas mais estranhas às idéias espíritas e que, por isso, não tendo meios de explicá-las, atribuem-nas a causas sobrenaturais. As que são provocadas, dão-se por intermédio de certos indivíduos dotados, para isso, de faculdades especiais e designados pelo nome de médiuns.

Os Espíritos podem manifestar-se de muitas maneiras diferentes: pela vista, pela audição, pelo tato, produzindo ruídos e movimentos de corpos, pela escrita, pelo desenho, pela música etc.

Às vezes, os Espíritos se manifestam espontaneamente por pancadas e ruídos; é este, muitas vezes, o meio que eles empregam para atestar a sua presença e chamar sobre si a atenção, exatamente como nós, quando batemos para dar aviso de que está alguém à porta.

Alguns não se limitam a ruídos moderados, pois produzem bulha semelhante à louça que cai e se espedaça, portas que se abrem e fecham com estrondo, móveis lançados ao chão, e alguns chegam mesmo a causar uma perturbação real e verdadeiros estragos.

Curso Preparatório de Espiritismo - FEESP

2.2. Ação dos espíritos sobre a matéria

72. Demonstrada, pelo raciocínio e pelos fatos, a existência dos Espíritos, assim como a possibilidade que têm de atuar sobre a matéria, trata-se agora de saber como se efetua essa ação e como procedem eles para fazer que se movam as mesas e outros corpos inertes.

74. VIII. Como pode um Espírito produzir o movimento de um corpo sólido?

"Combinando uma parte do fluido universal com o fluido, próprio àquele efeito, que o médium emite."

IX. Será com os seus próprios membros, de certo modo solidificados, que os Espíritos levantam a mesa?

"Esta resposta ainda não te levará até onde desejas. Quando, sob as vossas mãos, uma mesa se move, o Espírito haure no fluido universal o que é necessário para lhe dar uma vida factícia. Assim preparada a mesa, o Espírito a atrai e move sob a influência do fluido que de si mesmo desprende, por efeito da sua vontade. Quando quer pôr em movimento uma massa por demais pesada para suas forças, chama em seu auxílio outros Espíritos, cujas condições sejam idênticas às suas. Em virtude da sua natureza etérea, o Espírito, propriamente dito, não pode atuar sobre a matéria grosseira, sem intermediário, isto é, sem o elemento que o liga à matéria. Esse elemento, que constitui o que chamais perispírito, vos faculta a chave de todos os fenômenos espíritas de ordem material. Julgo ter-me explicado muito claramente, para ser compreendido."

XI. São aptos, todos os Espíritos, a produzir fenômenos deste gênero?

"Os que produzem efeitos desta espécie são sempre Espíritos inferiores, que ainda se não desprenderam inteiramente de toda a influência material."

XII. Compreendemos que os Espíritos superiores não se ocupam com coisas que estão muito abaixo deles. Mas, perguntamos se, uma vez que estão mais desmaterializados, teriam o poder de fazê-lo, dado que o quisessem?

"Os Espíritos superiores têm a força moral, como os outros têm a força física. Quando precisam desta força, servem-se dos que a possuem. Já não se vos disse que eles se servem dos Espíritos inferiores, como vós vos servis dos carregadores?"

NOTA. Já foi explicado que a densidade do perispírito, se assim se pode dizer, varia de acordo com o estado dos mundos. Parece que também varia, em um mesmo mundo, de indivíduo para indivíduo. Nos Espíritos moralmente adiantados, é mais sutil e se aproxima da dos Espíritos elevados; nos Espíritos inferiores, ao contrário, aproxima-se da matéria e é o que faz que os Espíritos de baixa condição conservem por muito tempo as ilusões da vida terrestre. Esses pensam e obram como se ainda fossem vivos; experimentam os mesmos desejos e quase que se poderia dizer a mesma sensualidade. Esta grosseria do perispírito, dando-lhe mais afinidade com a matéria, torna os Espíritos inferiores mais aptos às manifestações físicas.

XIII. Se compreendemos bem o que disseste, o princípio vital reside no fluido universal; o Espírito tira deste fluido o envoltório semimaterial que constitui o seu perispírito e é ainda por meio deste fluido que ele atua sobre a matéria inerte. É assim?

"É. Quer dizer: ele empresta à matéria uma espécie de vida factícia; a matéria se anima da vida animal. A mesa, que se move debaixo das vossas mãos, vive como animal; obedece por si mesma ao ser inteligente. Não é este quem a impele, como faz o homem com um fardo. Quando ela se eleva, não é o Espírito quem a levanta, com o esforço do seu braço: é a própria mesa que, animada, obedece à impulsão que lhe dá o Espírito."

XIV. Que papel desempenha o médium nesse fenômeno?

"Já eu disse que o fluido próprio do médium se combina com o fluido universal que o Espírito acumula. E necessária a união desses dois fluidos, isto é, do fluido animalizado e do fluido universal para dar vida à mesa. Mas, nota bem que essa vida é apenas momentânea, que se extingue com a ação e, às vezes, antes que esta termine, logo que a quantidade de fluido deixa de ser bastante para a animar."

XV. Pode o Espírito atuar sem o concurso de um médium?

"Pode atuar à revelia do médium. Quer isto dizer que muitas pessoas, sem que o suspeitem, servem de auxiliares aos Espíritos. Delas haurem os Espíritos, como de uma fonte, o fluido animalizado de que necessitem. Assim é que o concurso de um médium, tal como o entendeis, nem sempre é preciso, o que se verifica principalmente nos fenômenos espontâneos."

NOTA. Nem sempre o contacto das mãos é necessário para que um objeto se mova. As mais das vezes esse contacto só se faz para dar o primeiro impulso; porém, desde que o objeto está animado, pode obedecer à vontade do Espírito, sem contacto material. Depende isto, ou da potencialidade do médium, ou da natureza do Espírito. Nem sempre mesmo é indispensável um primeiro contacto, do que são provas os movimentos e deslocamentos espontâneos, que ninguém cogitou de provocar.

90. Os Espíritos superiores, do mesmo modo que, entre nós, os homens retos e sérios, não se divertem a fazer charivaris. Temos por diversas vezes chamado, para lhes perguntar por que motivo perturbam assim a tranqüillidade dos outros. Na sua maioria, fazem-no apenas para se divertirem. São espíritos mais levianos do que maus, que se riem dos terrores que causam e das pesquisas inúteis que se empreendem para a descoberta da causa do tumulto. Agarram-se com freqüência a um indivíduo, comprazendo-se em o atormentarem e perseguirem de casa em casa. Doutras vezes, apegam-se a um lugar, por mero capricho. Também, não raro, exercem por essa forma uma vingança, como teremos ocasião de ver.

Em alguns casos, mais louvável é a intenção a que cedem: procuram chamar a atenção e pôr-se em comunicação com certas pessoas, quer para lhes darem um aviso proveitoso, quer com o fim de lhes pedirem qualquer coisa para si mesmos. Muitos temos visto que pedem preces; outros que solicitam o cumprimento, em nome deles, de votos que não puderam cumprir; outros, ainda que desejam, no interesse do próprio repouso, reparar uma ação má que praticaram quando vivos.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – cap. I

2.3. Faculdade, que têm os Espíritos, de penetrar os nossos pensamentos

456. Vêem os Espíritos tudo o que fazemos?

“Podem ver, pois que constantemente vos rodeiam. Cada um, porém, só vê aquilo a que dá atenção. Não se ocupam com o que lhes é indiferente.”

457. Podem os Espíritos conhecer os nossos mais secretos pensamentos?

“Muitas vezes chegam a conhecer o que desejaríeis ocultar de vós mesmos. Nem atos, nem pensamentos se lhes podem dissimular.”

a) Assim, mais fácil nos será ocultar de uma pessoa viva qualquer coisa, do que a esconder dessa mesma pessoa depois de morta?

“Certamente. Quando vos julgais muito ocultos, é comum terdes ao vosso lado uma multidão de Espíritos que vos observam.”

458. Que pensam de nós os Espíritos que nos cercam e observam?

“Depende. Os levianos riem das pequenas partidas que vos pregam e zombam das vossas impaciências. Os Espíritos sérios se condoem dos vossos reveses e procuram ajudar-vos.”

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – 2ª parte – cap. IX

2.4. Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos

459. Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?

“Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem.”

460. De par com os pensamentos que nos são próprios, outros haverá que nos sejam sugeridos?

“Vossa alma é um Espírito que pensa. Não ignorais que, freqüentemente, muitos pensamentos vos acodem a um tempo sobre o mesmo assunto, não raro, contrários uns dos outros. Pois bem! No conjunto deles, estão sempre de mistura os vossos com os nossos. Daí a incerteza em que vos vedes. É que tendes em vós duas idéias a se combaterem.”

461. Como havemos de distinguir os pensamentos que nos são próprios dos que nos são sugeridos?

“Quando um pensamento vos é sugerido, tendes a impressão de que alguém vos fala. Geralmente, os pensamentos próprios são os que acodem em primeiro lugar. Afinal, não vos é de grande interesse estabelecer essa distinção. Muitas vezes, é útil que não saibais fazê-la. Não a fazendo, obra o homem com mais liberdade. Se se decide pelo bem, é voluntariamente que o pratica; se toma o mau caminho, maior será a sua responsabilidade.”

466. Por que permite Deus que Espíritos nos excitem ao mal?

“Os espíritos imperfeitos são instrumentos próprios a pôr em prova a fé e a constância dos homens na prática do bem. Como Espírito que és, tens que progredir na ciência do infinito. Daí o passares pelas provas do mal, para chegares ao bem. A nossa missão consiste em te colocarmos no bom caminho. Desde que sobre ti atuam influências más, é que as atraís, desejando o mal; porquanto os Espíritos inferiores correm a te auxiliar no mal, logo que desejares praticá-lo. Só quando queiras o mal, podem eles ajudar-te para a prática do mal. Se fores propenso ao assassinio, terás em torno de ti uma nuvem de Espíritos a te alimentarem no intimo esse pendor. Mas, outros também te cercarão, esforçando-se por te influenciarem para o bem, que restabelece o equilíbrio da balança e te deixa senhor dos teus atos.”

É assim que Deus confia à nossa consciência a escolha do caminho que devemos seguir e a liberdade de ceder a uma ou outra das influências contrárias que se exercem sobre nós.

467. Pode o homem eximir-se da influência dos Espíritos que procuram arrastá-lo ao mal?

“Pode, visto que tais Espíritos só se apegam aos que, pelos seus desejos, os chamam, ou aos que, pelos seus pensamentos, os atraem.”

468. Renunciam às suas tentativas os Espíritos cuja influência a vontade do homem repele?

“Que querias que fizessem? Quando nada conseguem, abandonam o campo. Entretanto, ficam à espreita de um momento propício, como o gato que tocaia o rato.”

469. Por que meio podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos?

“Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e aniquilareis o império que desejam ter sobre vós. Guardai-vos de atender às sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós outros e que vos insuflam as paixões más. Desconfiai especialmente dos que vos exaltam o orgulho, pois que esses vos assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que Jesus, na oração dominical, vos ensinou a dizer: “Senhor! Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.”

470. Os Espíritos, que ao mal procuram induzir-nos e que põem assim em prova a nossa firmeza no bem, procedem desse modo cumprindo missão? E, se assim é, cabe-lhes alguma responsabilidade?

“A nenhum Espírito é dada a missão de praticar o mal. Aquele que o faz fá-lo por conta própria, sujeitando-se, portanto, às conseqüências. Pode Deus permitir-lhe que assim proceda, para vos experimentar; nunca, porém, lhe determina tal procedimento. Compete-vos, pois repeti-lo.”

471. Quando experimentamos uma sensação de angústia, de ansiedade indefinível, ou de íntima satisfação, sem que lhe conheçamos a causa, devemos atribuí-la unicamente a uma disposição física?

“É quase sempre efeito das comunicações em que inconscientemente entrais com os Espíritos, ou da que com eles tivestes durante o sono.”

472. Os Espíritos que procuram atrair-nos para o mal se limitam a aproveitar as circunstâncias em que nos achamos, ou podem também criá-las?

“Aproveitam as circunstâncias ocorrentes, mas também costumam criá-las, impelindo-vos, mau grado vosso, para aquilo que cobiçais. Assim, por exemplo, encontra um homem, no seu caminho, certa quantia. Não penses tenham sido os Espíritos que a trouxeram para ali. Mas, eles podem inspirar ao homem a idéia de tomar aquela direção e sugerir-lhe depois a de se apoderar da importância achada, enquanto outros lhe sugerem a de restituir o dinheiro ao seu legítimo dono. O mesmo se dá com relação a todas as demais tentações.”

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – 2ª parte – cap. IX

2.5. Ação dos bons espíritos

486. Interessam-se os Espíritos pelas nossas desgraças e pela nossa prosperidade? Afligem-se os que nos querem bem com os males que padecemos durante a vida?

“Os bons Espíritos fazem todo o bem que lhes é possível e se sentem ditosos com as vossas alegrias. Afligem-se com os vossos males, quando os não suportais com resignação, porque nenhum benefício então tirais deles, assemelhando-vos, em tais casos, ao doente que rejeita a beberagem amarga que o há de curar.”

Sabendo ser transitória a vida corporal e que as tribulações que lhe são inerentes constituem meios de alcançarmos melhor estado, os Espíritos mais se afligem pelos nossos males devido a causas de ordem moral, do que pelos nossos sofrimentos físicos, todos passageiros.

Pouco se incomodam com as desgraças que apenas atingem as nossas idéias mundanas, tal qual fazemos com as mágoas pueris das crianças.

Vendo nas amarguras da vida um meio de nos adiantarmos, os Espíritos as consideram como a crise ocasional de que resultará a salvação do doente. Compadecem-se dos nossos sofrimentos, como nos compadecemos dos de um amigo. Porém, enxergando as coisas de um ponto de vista mais justo, os apreciam de um modo diverso do nosso. Então, ao passo que os bons nos levantam o ânimo no interesse do nosso futuro, os outros nos impelem ao desespero, objetivando comprometer-nos.

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – 2ª parte – cap. IX

2.6. Anjos de guarda. Espíritos protetores, familiares ou simpáticos

489. Há Espíritos que se liguem particularmente a um indivíduo para protegê-lo?

“Há o irmão espiritual, o que chamais o bom Espírito ou o bom gênio.”

490. Que se deve entender por anjo de guarda ou anjo guardião?

“O Espírito protetor, pertencente a uma ordem elevada.”

491. Qual a missão do Espírito protetor?

“A de um pai com relação aos filhos; a de guiar o seu protegido pela senda do bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida.”

492. O Espírito protetor se dedica ao indivíduo desde o seu nascimento?

“Desde o nascimento até a morte e muitas vezes o acompanha na vida espírita, depois da morte, e mesmo através de muitas existências corpóreas, que mais não são do que fases curtíssimas da vida do Espírito.”

493. É voluntária ou obrigatória a missão do Espírito protetor?

“O Espírito fica obrigado a vos assistir, uma vez que aceitou esse encargo. Cabe-lhe, porém, o direito de escolher seres que lhe sejam simpáticos. Para alguns, é um prazer; para outros, missão ou dever.”

a) Dedicando-se a uma pessoa, renuncia o Espírito a proteger outros indivíduos?

“Não; mas protege-os menos exclusivamente.”

494. O Espírito protetor fica fatalmente preso à criatura confiada à sua guarda?

“Freqüentemente sucede que alguns Espíritos deixam suas posições de protetores para desempenhar diversas missões. Mas, nesse caso, outros os substituem.”

495. Poderá dar-se que o Espírito protetor abandone o seu protegido, por se lhe mostrar este rebelde aos conselhos?

“Afasta-se, quando vê que seus conselhos são inúteis e que mais forte é, no seu protegido, a decisão de submeter-se à influência dos Espíritos inferiores. Mas, não o abandona completamente e sempre se faz ouvir. É então o homem quem tapa os ouvidos. O protetor volta desde que este o chame.

“É uma doutrina, esta, dos anjos guardiões, que, pelo seu encanto e doçura, deverá converter os mais incrédulos. Não vos parece grandemente consoladora a idéia de terdes sempre junto de vós seres que vos são superiores, prontos sempre a vos aconselhar e amparar, a vos ajudar na ascensão da abrupta montanha do bem; mais sinceros e dedicados amigos do que todos os que mais intimamente se vos liguem na Terra? Eles se acham ao vosso lado por ordem de Deus. Foi Deus quem aí os colocou e, aí permanecendo por amor de Deus, desempenham bela, porém penosa missão. Sim, onde quer que estejais, estarão convosco. Nem nos cárceres, nem nos hospitais, nem nos lugares de devassidão, nem na solidão, estais separados desses amigos a quem não podeis ver, mas cujo brando influxo vossa alma sente, ao mesmo tempo que lhes ouve os ponderados conselhos.

“Ah! se conhecêsseis bem esta verdade! Quanto vos ajudaria nos momentos de crise! Quanto vos livraria dos maus Espíritos! Mas, oh! Quantas vezes, no dia solene, não se verá esse anjo constrangido a vos observar: “Não te aconselhei isto? Entretanto, não o fizeste. Não te mostrei o abismo? Contudo, nele te precipitaste! Não fiz ecoar na tua consciência a voz da verdade? Preferiste, no entanto, seguir os conselhos da mentira!” Oh! Interrogai os vossos anjos guardiões; estabelecei entre eles e vós essa terna intimidade que reina entre os melhores amigos. Não penseis em lhes ocultar nada, pois que eles têm o olhar de Deus e não podeis enganá-los. Pensai no futuro; procurai adiantar-vos na vida presente. Assim fazendo, encurtareis vossas provas e mais felizes tornareis as vossas existências. Vamos, homens, coragem! De uma vez por todas, lançai para longe todos os preconceitos e idéias preconcebidas. Entrai na nova senda que diante dos passos se vos abre. Caminhai! Tendes guias, segui-los, que a meta não vos pode faltar, porquanto essa meta é o próprio Deus.

“Aos que considerem impossível que Espíritos verdadeiramente elevados se consagrem a tarefa tão laboriosa e de todos os instantes, diremos que nós vos influenciemos as almas, estando embora muitos milhões de léguas distantes de vós. O espaço, para nós, nada é, e não obstante viverem noutra mundo, os nossos Espíritos conservam suas ligações com os vossos. Gozamos de qualidades que não podeis compreender, mas ficai certos de que Deus não nos impôs tarefa superior às nossas forças e de que não vos deixou sós na Terra, sem amigos e sem amparo. Cada anjo de guarda tem o seu protegido, pelo qual vela, como o pai pelo filho. Alegra-se, quando o vê no bom caminho; sofre, quando lhe despreza os conselhos.

“Não receeis fatigar-nos com as vossas perguntas. Ao contrário, procurai estar sempre em relação conosco. Sereis assim mais fortes e mais felizes. São essas comunicações de cada um com o seu Espírito familiar que fazem sejam médiuns todos os homens, médiuns ignorados hoje, mas que se manifestarão mais tarde e se espalharão qual oceano sem margens, levando de roldão a incredulidade e a ignorância. Homens doutos, instruí os vossos semelhantes; homens de talento, educai os vossos irmãos. Não imaginai que obra fazeis desse modo: a do Cristo, a que Deus vos impõe. Para que vos outorgou Deus a inteligência e o saber, senão para o repartirdes com os vossos irmãos, senão para fazerdes que se adiantem pela senda que conduz à bem-aventurança, à felicidade eterna?” (São Luiz, Santo Agostinho)

Nada tem de surpreendente a doutrina dos anjos guardiões, a velarem pelos seus protegidos, mau grado à distância que medeia entre os mundos. É, ao contrário, grandiosa e sublime. Não vemos na Terra o pai velar pelo filho, ainda que de muito longe, e auxiliá-lo com seus conselhos correspondendo-se com ele? Que motivo de espanto haverá, então, em que os Espíritos possam, de um outro mundo, guiar os que, habitantes da Terra, eles tomaram sob sua proteção, uma vez que, para eles, a distância que vai de um mundo a outro é menor do que a que, neste planeta, separa os continentes? Não dispõem, além disso, do fluido universal, que entrelaça todos os mundos, tornando-os solidários; veículo imenso da transmissão dos pensamentos, como, o ar é, para nós, o da transmissão do som?

Os espíritos protetores nos ajudam com seus conselhos, mediante a voz da consciência que fazem ressoar em nosso íntimo. Como, porém, nem sempre ligamos a isso a devida importância, os outros conselhos mais diretos eles nos dão, servindo-se das pessoas que nos cercam. Examine cada um as diversas circunstâncias felizes ou infelizes de sua vida e verá que em muitas ocasiões recebeu conselhos de que se não aproveitou e que lhe teria poupado muitos desgostos, se os houvera escutado. (524)

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – 2ª parte – cap. IX

2.7. Influência dos espíritos nos acontecimentos da vida

525. Exercem os Espíritos alguma influência nos acontecimentos da vida?

“Certamente, pois que vos aconselham.”

a) Exercem essa influência por outra forma que não apenas pelos pensamentos que sugerem, isto é, têm ação direta sobre o cumprimento das coisas?

“Sim, mas nunca atuam fora das leis da Natureza.”

Imaginamos erradamente que aos Espíritos só caiba manifestar sua ação por fenômenos extraordinários. Quiséramos que nos viessem auxiliar por meio de milagres e os figuramos sempre armados de uma varinha mágica. Por não ser assim é que oculta nos parece a intervenção que têm nas coisas deste mundo e muito natural o que se executa com o concurso deles.

Assim é que, provocado, por exemplo, o encontro de duas pessoas, que suporão encontrar-se por acaso; inspirando a alguém a idéia de passar por determinado lugar; chamando-lhe a atenção para certo ponto, se disso resulta o que tenham em vista, eles obram de tal maneira que o homem, crente de que obedece a um impulso próprio, conserva sempre o seu livre-arbítrio.

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – 2ª parte – cap. IX

REFLEXÃO

As inspirações e influências dos espíritos superiores permanecem à volta de nossa alma, sugerindo modificações úteis, induzindo-nos à legítima compreensão da vida, iluminando-nos através da consciência, entretanto, está em nós abrir-lhes ou não a porta dos nossos corações.

Vinha de Luz – Emmanuel

3. Mediunidade e seu desenvolvimento

3.1. O que é médium?

É natural que nos comuniquemos com os espíritos desencarnados e eles conosco, porque também somos espíritos, embora estejamos encarnados.

Pelos sentidos físicos e órgãos motores, tomamos contato com o mundo corpóreo e sobre ele agimos. Pelos órgãos e faculdades espirituais mantemos contato constante com o mundo espiritual, sobre o qual também atuamos.

Todas as pessoas, portanto, recebem a influência dos espíritos.

A maioria nem percebe esse intercâmbio oculto, em seu mundo íntimo, na forma de pensamento, estados de alma, impulsos, pressentimentos, etc.

Mas há pessoas em que o intercâmbio é **ostensivo**. Nelas, os fenômenos são freqüentes, marcantes, intensos e bem característicos (psicofonia, psicografia, efeitos físicos, etc.), ficando evidente uma outra individualidade: a do espírito comunicante. A essas pessoas, Allan Kardec denominou **médiuns**.

Médium é uma palavra neutra (serve para os dois gêneros), de origem latina; quer dizer medianeiro, que está no meio. De fato, o médium serve de intermédio entre o mundo físico e o espiritual, podendo ser o intérprete ou instrumento para o espírito desencarnado.

Estudos Sobre Mediunidade – CEAK/SP

159. Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. E de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta, ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades, quantas são as espécies de manifestações.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – cap. XIV

Médium quer dizer mediano, intermediário. Mediunidade é a faculdade humana, natural, pela qual se estabelecem as relações entre homens e espíritos.

Mediunidade – J. Herculano Pires – cap. I

O médium é exatamente aquele indivíduo que tem a possibilidade de propiciar a comunicação dos mortos com os vivos. Não se trata de alguém dotado de poderes milagrosos, não! Nem de alguém atuado pelo demônio! Tampouco alguém que sofra das faculdades mentais. Não; nada disto. Apenas tem a condição de permitir o intercâmbio entre a Humanidade desencarnada e a encarnada. Mediunidade, acima de tudo, é uma ferramenta de trabalho, para consolar os que sofrem, para esclarecer os que se debatem nas trevas, quer sejam encarnados ou desencarnados.

Na acepção mais ampla do termo, todos nós somos médiuns, pois todos estamos sujeitos à influência dos Espíritos. Uns mais, outros menos. No entanto, há pessoas que apresentam esta faculdade em grau mais acentuado; nelas o fenômeno se faz mais patente, mais evidenciado. São aquelas pessoas que vêem os Espíritos, ouvem as suas vozes, dando-nos os seus recados e mensagens...

A Obsessão e seu Tratamento Espírita – Celso Martins – pág. 39

3.2. O que é mediunidade?

Mediunidade é, pois, a faculdade natural que permite sentir e transmitir a influência dos Espíritos, ensejando o intercâmbio, a comunicação, entre o mundo físico e o espiritual.

Sendo uma faculdade, é capacidade que pode ou não ser usada: Sendo natural, manifesta-se espontaneamente, mas pode ser exercitada ou desenvolvida.

Estudos Sobre Mediunidade – CEAK/SP

Chama-se mediunidade o conjunto de faculdades que permitem ao ser humano comunicar-se com o mundo invisível.

Espíritos e Médiuns – Leon Denis – cap. III

Para conhecer as coisas do mundo visível e descobrir os segredos da Natureza material, outorgou Deus ao homem a vista corpórea, os sentidos e instrumentos especiais. Com o telescópio, ele mergulha o olhar nas profundezas do espaço, e, com o microscópio, descobriu o mundo dos infinitamente pequenos. Para penetrar o mundo invisível, deu-lhe a mediunidade.

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – cap. XXVIII – item 9

3.3. Mediunidade e corpo físico

A base da mediunidade está na organização física do corpo que habitamos. Conforme ela for, nosso perispírito se libera com mais facilidade, readquirindo, assim, as percepções e faculdades espirituais que geralmente o corpo material embota.

Por que dispomos ou não dessas condições? Devido a merecimento ou necessidades espirituais. Somos ou não médiuns conforme as nossas condições físicas atuais, sem que isso implique, só por si, em qualidade espiritual.

“O desenvolvimento da mediunidade guarda relação com o desenvolvimento moral dos médiuns?”

“Não; a faculdade, propriamente dita, se radica no organismo; independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom ou mau, conforme as qualidades do médium.” (O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – Cap. XX)

Portanto, o uso da faculdade mediúcnica implica em moralidade. Assim como tendo todos nós olhos que enxergam, mais ou menos, os utilizaremos de acordo com nosso senso moral.

3.4. Mediunidade e doença

3.4.1. Quem apresenta perturbação é médium?

Muitas vezes, ao eclodir a mediunidade, a pessoa costuma dar sinais de sofrimento, perturbação, desequilíbrio. Firmou-se até um conceito errado entre o povo: se uma pessoa se mostra perturbada deve ter mediunidade.

Mediunidade não é doença nem leva à perturbação, pois é, uma faculdade natural.

Se a pessoa se perturba ante as manifestações mediúnicas, é por sua falta de equilíbrio emocional, por sua ignorância do que seja a mediunidade ou porque está sob a ação de espíritos maus.

Porque há quem saiba se equilibrar no uso da mediunidade e por isso apresenta distúrbios, foi levantada a hipótese de ser a mediunidade um estado patológico, ou seja, doença do médium.

Para esclarecimento do assunto, Allan Kardec indagou e os espíritos responderam:

“Será a faculdade mediúcnica indício de um estado patológico qualquer, ou de um estado simplesmente anômalo (fora do normal)?”

“Anômalo, às vezes, porém, não patológico; há médiuns de saúde robusta; os doentes o são por outras causas.” (O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – Cap. XVIII)

Atualmente, as pesquisas no campo da Parapsicologia já evidenciaram o que o Espiritismo, há mais de cem anos, preconizava.

“Os fenômenos paranormais não são patológicos”, afirma Robert Amadou (Parapsicologia, IV Parte, Cap. IV, nº5).

“Até hoje, nada indicou qualquer elo especial entre funções psicopatológica e parapsicológicas”, diz J. B. Rhine (Fenômenos e Psiquiatria, pg 40, linhas 18 a 20).

3.4.2. Mediunidade e loucura

“Poderia a mediunidade produzir loucura?”

“Não mais do que qualquer outra coisa, desde que não haja predisposição para isso, em virtude de fraqueza cerebral. A mediunidade não produzirá a loucura, quando esta já não exista em gérmen; porém, existindo este, o bom-senso está a dizer que se deve usar de cautelas, sob todos os pontos de vista, porquanto qualquer abalo pode ser prejudicial.” (O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – Cap. XVIII)

Se o princípio predisponente da loucura existir, fácil é reconhecê-lo pelas condições psíquicas e mentais da pessoa.

Em muitos casos, porém, rotulado como doença mental, segundo cânones científicos, o que há é simples perturbação. Em outros casos, a mediunidade não teve os cuidados necessários e gerou obsessões

e possessões de curto, médio e longo curso, que somente uma assistência espiritual adequada e paciente poderá resolver.

3.4.3. Mediunidade e fadiga

Por estar na dependência do físico, a mediunidade causará fadiga, quando o seu uso não for controlado e o dispêndio de energias não for devidamente compensado.

É o que fica bem esclarecido nesta pergunta e resposta do Livro dos Médiuns:

“O exercício da faculdade mediúnica pode causar fadiga?”

“O exercício muito prolongado de qualquer faculdade acarreta fadiga; a mediunidade está no mesmo caso, principalmente a que aplica aos efeitos físicos, ela necessariamente ocasiona um dispêndio de fluido, que traz a fadiga, mas que se repara pelo repouso.” (O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – Cap. XVIII)

A fadiga, no caso, será do corpo; o espírito até se fortalecerá, conforme a natureza dos espíritos manifestantes e o trabalho que for efetuado mediunicamente.

3.5. Sinais precursores

A mediunidade fica bem caracterizada, quando:

- Há comprovada vidência ou audição no plano fluídico.
- Se dá o transe psicofônico (mediunidade falante) ou psicográfico (mediunidade escrevente).
- Há produção de efeitos físicos (sonoros, luminosos, deslocação de objetos) onde a pessoa se encontre.

Mas nem sempre é fácil e rápido distinguir as manifestações mediúnicas, quando em seu início, das perturbações fisiopsíquicas.

Eis alguns sinais que, se não tiverem causas orgânicas, podem indicar que a pessoa tem facilidade para a percepção de fluidos, para o desdobramento (que favorece o transe) ou que está sob a atuação de espíritos:

- Sensação de “presenças” invisíveis.
- Sono profundo demais, desmaios e síncope inexplicáveis.
- Sensações ou idéias estranhas, mudanças repentinas de humor, crises de choro.
- “Ballonement” (sensação de inchar, dilatar) nas mãos, pés ou em todo o corpo, como resultado de desdobramento perispiritual.
- Adormecimento ou formigamento nos braços e pernas.
- Arrepios como os de frio, tremores, calor, palpitações.

Todos os homens têm o seu grau de mediunidade, nas mais variadas posições evolutivas, e esse atributo de espírito representa, ainda, a alvorada, de novas percepções para o homem do futuro, quando, pelo avanço da mentalidade do mundo, as criaturas humanas verão alargar-se a janela acanhada dos seus cinco sentidos. Na atualidade, porém, temos de reconhecer que no campo imenso das potencialidades psíquicas do homem, existem os médiuns com tarefa definida, precursores das novas aquisições humanas. É certo que essas tarefas reclamam sacrifícios e se constituem, muitas vezes, de provações ásperas,

todavia, se o operário busca a substância evangélica para a execução de seus deveres, é ele o trabalhador que faz jus ao acréscimo de misericórdia prometido pelo Mestre a todos os discípulos de boa-vontade.

- Dever-se-á provocar o desenvolvimento da mediunidade?

- Ninguém deverá forçar o desenvolvimento dessa ou daquela faculdade, porque, nesse terreno, toda a espontaneidade é necessária; observando-se contudo, a floração mediúnica espontânea, nas expressões mais simples, deve-se aceitar o evento com as melhores disposições de trabalho e boa-vontade, seja essa possibilidade psíquica a mais humilde de todas. A mediunidade não deve ser fruto de precipitação nesse ou naquele setor da atividade doutrinária, porquanto, em tal assunto, toda a espontaneidade é indispensável, considerando-se que as tarefas mediúnicas são dirigidas pelos mentores do plano espiritual.

- Qual a mediunidade mais preciosa para o bom serviço à Doutrina?

- Não existe mediunidade mais preciosa uma que a outra. Qualquer uma é campo aberto às belas realizações espirituais, sendo justo que o médium, com a tarefa definida, se encha de espírito missionário, com dedicação sincera e fraternidade pura, para que o seu mandato não seja traído na improdutividade.

O Consolador – Emmanuel – Qs. 383, 384 e 386

3.6. Mediunidade e seu desenvolvimento

3.6.1. Como desenvolver a mediunidade

Do ponto de vista espírita, desenvolver mediunidade não é apenas sentar-se à mesa mediúnica e dar comunicações.

É apurar e disciplinar a sensibilidade espiritual, a fim de tê-la nas melhores condições possíveis de manifestação, e aprender a empregá-la dentro das melhores técnicas e visando as finalidades mais elevadas.

Esse desenvolvimento mediúnico abrange providências de natureza tríplice:

- **Doutrinária**

O médium precisa conhecer a Doutrina Espírita para compreender o Universo, a si mesmo e aos outros seres, como criaturas evolutivas, regidas pela lei de causa e efeito.

Atenção especial será dada à compreensão do intercâmbio mediúnico, ação do pensamento sobre os fluidos, natureza e situações dos espíritos no Além, perispírito e suas propriedades na comunicação mediúnica, tipos de mediunidade, etc.

- **Técnica**

Exercício prático, à luz do conhecimento espírita, para que o médium saiba distinguir os tipos dos espíritos pelos seus fluidos, como concentrar ou desconcentrar, entender o desdobramento, controlar-se nas manifestações e analisar o resultado delas, etc.

Observação: quando se inicia a prática mediúnica, pode ocorrer de os sinais precursores se intensificarem e ampliarem. Não pense o médium que seu estado piorou. É que os espíritos estão agindo sobre os centros de sua sensibilidade e preparando o campo para as atividades mediúnicas. Persevere o médium, mantendo o bom ânimo e aos poucos, com a educação de suas faculdades, as sensações ficarão bem canalizadas, não mais causando perturbações.

- **Moral**

É indispensável a reforma íntima para que nos libertemos de espíritos perturbadores e cheguemos a ter sintonia com os bons espíritos, dando orientação superior ao nosso trabalho mediúnico.

A orientação cristã, à luz do Espiritismo, leva-nos à vigilância, oração, boa conduta e à caridade para com o próximo, o que atrairá para nós assistência espiritual superior.

Não se deve colocar em trabalho mediúnico quem apresente perturbações. Primeiro, é preciso ajudar a pessoa a se equilibrar psicicamente, atreves de passes, vibrações e esclarecimentos doutrinários. Deve-se recomendar, também, a visita ao médico, porque a perturbação pode ter causas físicas, caso em que o tratamento será feito pela medicina.

Para o desenvolvimento da mediunidade, somente deve ser encaminhado quem esteja equilibrado e doutrinariamente esclarecido e conscientizado.

3.7. É aconselhável praticarmos a mediunidade?

Sim, porque nos traz inúmeros e grandes benefícios.

O benefício primeiro e geral da mediunidade está em provar que o espírito existe, é imortal e conserva no Além a sua individualidade.

Exercitando a mediunidade poderemos, ainda:

- Contatar com os seres queridos já desencarnados.
- Informarmo-nos quanto ao que acontece na vida espiritual, em continuidade à vida terrena e como decorrência dos atos de cada um.
- Receber a ajuda dos bons espíritos (ensinamentos, consolações, curas).
- Ajudar os bons espíritos no socorro e esclarecimento espiritual de encarnados e desencarnados.
- Desenvolver e educar nossas faculdades mediúnicas.
- Ampliar e aperfeiçoar o relacionamento com encarnados e desencarnados (nossa grande família universal).

HÁ ALGUM PERIGO OU DESVANTAGEM NELA?

Quando mal orientada, sim. Porque, ao oferecermos ambiente e disposição para o intercâmbio mediúnico, os espíritos acorrem em maior número que normalmente, e contam com mais condições para exercer influência sobre os médiuns e sobre os participantes da reunião.

Os espíritos vêm atraídos pela lei de afinidade (conforme o grupo pensa e sente) e agem pelos pensamentos e em ação fluídica (nem sempre percebidos pelos participantes). Se o grupo não for vigilante nem preparado para o intercâmbio, poderá atrair muitos espíritos inferiores e sofrer prejuízos, tais como:

- Ação maléfica fluídica (vibrações malsãs, envolvimento perturbador) e mesmo física (violências, desordens) sobre pessoas e ambiente.
- Má orientação espiritual e mistificação.
- Obsessão individual ou coletiva.

Os médiuns sem esclarecimento, de faculdade não educada, podem ser vítimas de desgastes, de sugestão, do animismo e até fraudarem.

Os assistentes, além dos prejuízos já mencionados, podem vir a:

- Sofrer descrença (ante os erros e absurdos que presenciarem numa reunião mal orientada).
- Se fanatizarem (se não forem capazes de perceber os erros e absurdos e derem crédito a tudo).

NA ORIENTAÇÃO KARDEQUIANA A SEGURANÇA

A prática mediúnica, conquanto muito difundida, está cheia de erros e crendices, que surgem quando os encarnados:

- Aceitam a orientação má dos espíritos inferiores.
- Agem por si próprios, com ignorância, vaidade, orgulho, ambição, má fé.

No Espiritismo, porém – doutrina revelada pelos bons espíritos e codificada por Allan Kardec – , encontramos diretrizes seguras para evitar os perigos do intercâmbio mal dirigido e conseguir os mais sublimes e edificantes resultados na prática mediúnica.

3.8. Quando não convém exercitar a mediunidade

Constituindo o transe mediúnico um estado de “crise”, o exercício da mediunidade deve ser evitado nas pessoas que não podem sofrer sobreexcitação, tais como:

- As que apresentem tendências excêntricas ou fraqueza mental.
- As de organismo débil por natureza ou debilitado por doença grave ou outras causas.
- As gestantes (vide “Estudando a Mediunidade”, de Martins Peralva, Cap. IX).

- Pode o exercício da mediunidade ter, de si mesmo, inconveniente, do ponto de vista higiênico, abstração feita do abuso?

"Há casos em que é prudente, necessária mesmo, a abstenção, ou, pelo menos, o exercício moderado, tudo dependendo do estado físico e moral do médium. Aliás, em geral; o médium o sente e, desde que experimente fadiga, deve abster-se." (O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – Cap. XVIII)

3.8.1. Mediunidade em crianças

A mediunidade pode se manifestar na pessoa desde a fase da infância. Mas não é aconselhável o exercício da mediunidade em crianças, porque:

- O organismo, débil e em formação, pode sofrer grandes abalos.
- A imaginação está em grande atividade e pode sofrer sobreexcitação.
- Não têm discernimento suficiente para lidar com os espíritos nem valorizar sua faculdade e empregá-la com a gravidade necessária.

Às vezes, as manifestações mediúnicas que a criança apresenta são por causa das perturbações no ambiente do lar. Neste caso, o recomendável é atendê-la com passes, para eliminar as manifestações, e se orientar o comportamento dos familiares adultos, para que as tensões espirituais não mais se reflitam na criança.

Se a manifestação mediúnica na criança for espontânea e equilibrada, aceitar com naturalidade os fenômenos mas sem estimulá-los nem querer colocar a criança em verdadeiro trabalho mediúnico. Convém, entretanto, encaminhá-la para a evangelização e conhecimento doutrinário adequado à sua idade, a fim de que, no futuro, esteja preparada para entender sua faculdade e empregá-la bem.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – caps. XVII e XVIII

No Invisível – Leon Denis – caps. XXII e XXV

REFLEXÃO

Sendo luz que brilha na carne, a mediunidade é atributo do Espírito, patrimônio da alma imortal, elemento renovador da posição moral da criatura terrena, enriquecendo todos os seus valores no capítulo da virtude e da inteligência, sempre que se encontre ligada aos princípios evangélicos na sua trajetória pela face do mundo.

Emmanuel – O Consolador

4. Tipos de mediunidade

4.1. As comunicações espirituais

133. Dissemos que todo efeito, que revela, na sua causalidade, um ato, ainda que seja insignificatíssimo, de livre vontade, atesta, por essa circunstancia, a existência de uma causa inteligente. Assim, um simples movimento da mesa, que responda ao nosso pensamento, ou manifeste caráter intencional, pode ser considerado uma manifestação inteligente. Se a isso houvesse de ficar circunscrito o resultado, só muito secundário interesse nos despertaria. Contudo, já seria alguma coisa o dar-nos a prova de que, em tais fenômenos, há mais do que uma ação puramente material. Nula, ou, pelo menos, muito restrita seria a utilidade prática que daí decorreria. O caso, porém, muda inteiramente de figura, quando essa inteligência ganha desenvolvimento tal, que permite regular a contínua troca de idéias. Já não há então simples manifestações inteligentes, mas verdadeiras comunicações. Os meios de que hoje dispomos permitem que as obtenhamos tão extensas, tão explícitas e tão rápidas, como as que mantemos com os homens.

Quem estiver bem compenetrado, segundo a *escala espírita* (O Livro dos Espíritos, n.100), da variedade infinita que apresentam os Espíritos, sob o duplo aspecto da inteligência e da moralidade, facilmente se convencerá de que há de haver diferença entre as suas comunicações; que estas não de refletir a elevação, ou a baixeza de suas idéias, o saber e a ignorância deles, seus vícios e suas virtudes; que, numa palavra, elas não se não de assemelhar mais do que as dos homens, desde os *selvagens* até o mais ilustrado europeu.

138. São variadíssimos os meios de comunicação. Atuando sobre os nossos órgãos e sobre todos os nossos sentidos, podem os Espíritos manifestar-se à nossa visão, por meio de aparições; ao nosso tato, por impressões tangíveis, visíveis e ocultas; à audição pelos ruídos; ao olfato por meio de odores sem causa conhecida.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – cap. X

4.2. Os médiuns

159. Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem, não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. É de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – cap. XIV

4.3. Podem os espíritos se comunicar de forma direta?

4.3.1. Pneumatografia ou escrita direta

146. A *pneumatografia* é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem intermédio algum; diferente da psicografia, por ser esta transmissão do pensamento do Espírito, mediante a escrita feita com a mão do médium.

O fenômeno da escrita direta é, não há de negar, um dos mais extraordinários do Espiritismo, mas, por muito anormal que parece, à primeira vista, constitui hoje fato averiguado e incontestável.

147. Uma vez que a impossibilidade de escrever sem intermediário representa um dos atributos do Espírito; uma vez que os Espíritos sempre existiram desde todos os tempos e desde todos os tempos se têm produzido os diversos fenômenos que conhecemos, o da escrita direta igualmente se há de ter operado na antiguidade, tanto quanto nos dias atuais.

148. A escrita direta se obtém, como, no geral, a maior parte das manifestações espíritas *não espontâneas*, por meio da concentração, da prece e da evocação. Têm-se produzido nas igrejas, sobre túmulos, no sopé de estatuas, ou imagens de personagens evocadas. Evidente, porém, é que o local nenhuma outra influência exerce, além da de facultar maior recolhimento espiritual e maior concentração dos pensamentos: porquanto, provado está que o fenômeno se obtém, igualmente, sem esses acessórios e nos lugares mais comuns, sobre um simples móvel caseiro, desde que os desejam obtê-lo se achem nas devidas condições morais e que entre esses se encontre quem possua a necessária faculdade mediúnica.

Julgou-se, a princípio, ser preciso colocar-se aqui ou ali um lápis com o papel. O fato então podia, até certo ponto, explicar-se. É sabido que os Espíritos produzem o movimento e a deslocação dos objetos; que, algumas vezes, os tomam e atiram longe. Bem podiam, pois, tomar também do lápis e servir-se dele para traçar letras. Visto que o impulsionam, utilizando-se da mão do médium, de uma prancheta, etc., podiam, do mesmo modo impulsioná-lo diretamente. Não tardou, porém, se reconhecesse que o lápis era dispensável, que bastava um pedaço de papel, dobrado ou não, para que, a cabo de alguns minutos, se achassem nele grafadas letras. Aqui, já o fenômeno muda completamente de aspecto e nos transporta a uma ordem inteiramente nova de coisas. As letras não de ter sido traçadas com uma substância qualquer. Ora, sendo certo que ninguém forneceu ao espírito essa substância, segue-se que ele próprio a compôs. Onde a tirou? Esse o problema.

Quem queira reportar-se às explicações dadas no capítulo VIII, ns. 127 e 128, encontrará completa a teoria do fenômeno. Para escrever dessa maneira, o Espírito não se serve das nossas substâncias, nem dos nossos instrumentos. Ele próprio fabrica a matéria e os instrumentos de que há mister, tirando, para isso, os materiais preciosos, do elemento primitivo universal que, pela ação da sua vontade, sofre as modificações necessárias à produção do efeito desejado. Possível lhe é, portanto, fabricar tanto o lápis vermelho, a tinta de imprimir, a tinta comum, como o lápis preto, ou até, caracteres tipográficos bastante resistentes para darem relevo à escrita, conforme temos tido ensejo de verificar. A filha de um senhor que conhecemos, menina de 12 a 13 anos, obteve páginas e páginas escritas com substância análoga ao pastel.

Considerando a escrita direta do ponto de vista das vantagens que possa oferecer, diremos que, até ao presente, sua principal utilidade há consistido na comprovação material de um fenômeno serio: a intervenção de um poder oculto que, nesse fenômeno, tem mais um meio de se manifestar. Todavia, raramente são extensas as comunicações que por essa forma se obtém. Em geral espontâneas, elas se reduzem a algumas palavras ou proposições, e às vezes, a sinais ininteligíveis. Têm sido dadas em todas as línguas: em grego, em latim, em sírio, em caracteres hieroglíficos, etc., mas ainda se não prestaram às dissertações seguidas e rápidas, como permite a psicografia ou a escrita pela mão de um médium.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – cap. XII

4.3.2. Pneumatofonia

150. Dado que podem traduzir ruídos e pancadas, os Espíritos podem igualmente fazer se ouçam gritos de toda espécie e sons vocais que imitam a voz humana, assim ao nosso lado, como nos ares. A este fenômeno é que damos o nome de pneumatofonia. Pelo que sabemos da natureza dos Espíritos, podemos supor que, dentre eles, alguns, de ordem inferior, se iludem e julgam falar como quando vivos (Veja-se Revue Spirite, fevereiro de 1858: História da aparição de Mll. Clairon).

Devemos, entretanto, preservar-nos de tomar por vozes ocultas todos os sons que não tenham causa conhecida... Ao passo que os sons pneumatofônicos exprimem pensamentos e nisso está o que nos faz reconhecer que são devidos a uma causa inteligente e não acidental. Pode-se estabelecer, como princípio, que os efeitos notoriamente inteligentes são os únicos capazes de atestar a intervenção dos Espíritos. Quanto aos outros, há pelo menos cem probabilidades contra uma de serem oriundos de causas fortuitas.

151. Acontece freqüentemente ouvirmos, de modo distinto, quando nos achamos meio adormecidos, palavras, nomes, às vezes frases inteiras, ditas com tal intensidade que nos despertam, espantados. Se bem nalguns casos possa haver aí, na realidade, uma manifestação, esse fenômeno nada de bastante positivo apresenta para que também possa ser atribuído a uma causa análoga à que estudamos desenvolvidamente na teoria da alucinação, capítulo VI, ns. 111 e seguintes. Demais, nenhuma consequência tem o que de tal maneira se escuta. O mesmo, no entanto, não acontece, quando se está inteiramente acordado, porque, então, se é um Espírito que se faz ouvir, quase sempre se pode trocar idéias com ele e travar conversação regular.

Os sons espíritos, os pneumatofônicos se produzem de duas maneiras distintas: às vezes, é uma voz interior que repercute no nosso foro íntimo, nada tendo, porém, de material as palavras, conquanto sejam claramente perceptíveis; outras vezes, são exteriores e nitidamente articuladas, como se proviessem de uma pessoa que nos estivesse ao lado.

De um mundo, ou de outro, o fenômeno da pneumatofonia é quase sempre espontâneo e só muito raramente pode ser provocado.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – cap. XII

4.4. Tipos de mediunidade

Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta, ou daquela ordem, donde resulta que foram tantas variedades, quantas são as espécies de manifestações. As principais são: a dos médiuns de efeitos físicos; a dos médiuns sensitivos; ou impressionáveis; a dos ouvintes; a dos videntes, a dos sonambúlicos; a dos curadores; a dos penumatógrafos; a dos escreventes, ou psicógrafos.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – cap. XIV – Q. 159

4.4.1. Médiuns de efeitos físicos

160. Os *médiuns de efeitos físicos* são particularmente aptos a produzir fenômenos materiais, como os movimentos de corpos inertes, ou ruídos, etc. Podem dividir-se em médiuns facultativos e médiuns involuntários. (Veja-se a 2ª parte, caps II e IV).

Os *médiuns facultativos* são os que têm consciência do seu poder e que produzem fenômenos espíritos por ato da própria vontade. Conquanto inerente à espécie humana, conforme já dissemos, semelhante faculdade longe está de existir em todos no mesmo grau. Porém, se poucas pessoas há em quem ela seja absolutamente nula, mais raras ainda são as capazes de produzir os grandes efeitos tais como suspensão de corpos pesados, a translação aérea e, sobretudo, as aparições. Os efeitos mais

simples são a rotação de um objeto, pancadas produzidas mediante o levantamento desse objeto, ou na sua própria substância. Embora não demos importância capital a esses fenômenos, recomendamos, contudo, que não sejam desprezados. Podem proporcionar ensejo a observações interessantes e contribuir para a convicção dos que os observem. Cumpre, entretanto, ponderar que a faculdade de produzir efeitos materiais raramente existe nos que dispõem de mais perfeitos meios de comunicação, quais a escrita e a palavra. Em geral, a faculdade diminui num sentido à proporção que se desenvolve em outro.

161. Os *médiuns involuntários ou naturais* são aqueles cuja influência se exerce a seu mau grado. Nenhuma consciência tem do poder que possuem e, muitas vezes, o que de anormal se passa em torno deles não se lhes afigura de modo algum extraordinário.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – cap. XIV

André Luiz, no livro “missionários da luz”, cap. X nos esclarece que a mediunidade de efeitos físicos envolve desdobramento astral do médium e exteriorização de ectoplasma, cuja exteriorização se faz pelos orifícios naturais do organismo (poros, boca, ouvidos, etc).

Outras informações retiradas do texto:

Para desdobramento, é especialmente estimulado o centro da sensibilidade senão vejamos:

- Verônica colocara a mão direita sobre a cabeça da jovem. Demorando-se no centro da sensibilidade.
- Alexandre explica que ela está aplicando passes magnéticos como serviço de introdução ao desdobramento necessário aos trabalhos de materialização.

A FORÇA NERVOSA - OU ECTOPLASMA

- Sob a ação do orientador espiritual de tarefa, exterioriza-se a força nervosa da médium, à maneira dum fluxo abundante de neblina espessa e leitosa.
- A força nervosa da médium é matéria plástica e profundamente sensível às nossas criações mentais.
- A exteriorização se faz parcialmente através da boca, e ouvidos da médium.

OBSERVAÇÃO: Os médiuns de efeitos físicos são muito utilizados nos tratamentos de curas espirituais nos atendimentos aos encarnados e desencarnados, como nos fenômenos de materialização.

4.4.2. Médiuns sensitivos, ou impressionáveis

164. Chamam-se assim às pessoas suscetíveis de sentir a presença dos Espíritos por uma impressão vaga, por uma espécie de leve roçadura sobre todos os seus membros, sensação que elas não podem explicar. Esta variedade não apresenta caráter bem definido. Todos os médiuns são necessariamente impressionáveis, sendo assim a impressionabilidade mais uma qualidade geral do que especial. É a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras. Difere da impressionabilidade puramente física e nervosa, com a qual preciso é não seja confundida, porquanto, pessoas há que não têm nervos delicados e que sentem mais ou menos o efeito da presença dos Espíritos, do mesmo modo que outras absolutamente não os pressentem.

Esta faculdade se desenvolve pelo hábito e pode adquirir tal sutileza, que aquele que a possui reconhece, pela impressão que experimenta, não só a natureza, boa ou má, do Espírito que lhe está ao lado, mas até a sua individualidade, como o cego reconhece, por um certo não sei quê, a aproximação de tal ou tal pessoa. Torna-se, com relação aos Espíritos, verdadeiro sensitivo. Um bom Espírito produz sempre uma impressão suave e agradável; a de um mau Espírito, ao contrário, é penosa, angustiada, desagradável. Há como que um cheiro de impureza.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – cap. XIV

4.4.3. Médiuns audientes

165. Estes ouvem a voz dos Espíritos. É, como dissemos ao falar da pneumatofonia, algumas vezes uma voz interior, que se faz ouvir no foro íntimo; doutras vezes, é uma voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa viva. Os médiuns audientes podem, assim, travar conversação com os Espíritos. Quando têm o hábito de se comunicar com determinados Espíritos, eles os reconhecem imediatamente pela natureza da voz. Quem não seja dotado desta faculdade pode, igualmente, comunicar com um Espírito, se tiver, a auxiliá-lo, um médium audiente, que desempenhe a função de intérprete.

Esta faculdade é muito agradável, quando o médium só ouve Espíritos bons, ou unicamente aqueles por quem chama. Assim, entretanto, já não é, quando um Espírito mau se lhe agarra, fazendo-lhe ouvir a cada instante as coisas mais desagradáveis e não raro as mais inconvenientes. Cumpre-lhe, então, procurar livrar-se desses Espíritos, pelos meios que indicaremos no capítulo da *Obsessão*.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – cap. XIV

4.4.4. Médiuns falantes

166. Os médiuns audientes, que apenas transmitem o que ouvem, não são, a bem dizer, médiuns falantes. Estes últimos, as mais das vezes, nada ouvem. Neles, o Espírito atua sobre os órgãos da palavra, como atua sobre a mão dos médiuns escreventes. Querendo comunicar-se, o Espírito se serve do órgão que se lhe depara mais flexível no médium. A um, toma da mão; a outro, da palavra; a um terceiro, do ouvido. O médium falante geralmente se exprime sem ter consciência do que diz e muitas vezes diz coisas completamente estranhas às suas idéias habituais, aos seus conhecimentos e, até, fora do alcance de sua inteligência. Embora se ache perfeitamente acordado e em estado normal, raramente guarda lembrança do que diz. Em suma, nele, a palavra é um instrumento de que se serve o Espírito, com o qual uma terceira pessoa pode comunicar-se, como pode com o auxílio de um médium audiente.

Nem sempre, porém, é tão completa a passividade do médium falante. Alguns há que têm a intuição do que dizem, no momento mesmo em que pronunciam as palavras. Voltaremos a ocupar-nos com esta espécie de médiuns, quando tratarmos dos médiuns intuitivos.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – cap. XIV

4.4.5. Médiuns videntes

167. Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Alguns gozam dessa faculdade em estado normal, quando perfeitamente acordados, e conservam lembrança precisa do que viram. Outros só a possuem em estado sonambólico, ou próximo do sonambulismo. Raro é que esta faculdade se mostre permanente; quase sempre é efeito de uma crise passageira.

... A possibilidade de ver em sonho os Espíritos resulta, sem contestação, de uma espécie de mediunidade, mas não constitui, propriamente falando, o que se chama médium vidente. Explicamos esse fenômeno em o capítulo VI – Das manifestações visuais.

O médium vidente julga ver com os olhos, como os que são dotados de dupla vista; mas, na realidade, é a alma quem vê e por isso é que eles tanto vêem com os olhos fechados, como com os olhos abertos; donde se conclui que um cego pode ver os Espíritos, do mesmo modo que qualquer outro que tem perfeita a vista. Sobre este último ponto caberia fazer-se interessante estudo, o de saber se a faculdade de que tratamos é mais freqüente nos cegos. Espíritos que na Terra foram cegos nos disseram que, quando vivos, tinham, pela alma, a percepção de certos objetos e que não se encontravam imersos em negra escuridão.

168. Cumpre distinguir as aparições acidentais e espontâneas da faculdade propriamente dita de ver os Espíritos. As primeiras são freqüentes, sobretudo no momento da morte das pessoas que aquele que vê amou ou conheceu e que o vêm prevenir de que já não são deste mundo. Há inúmeros exemplos de fatos deste gênero, sem falar das visões durante o sono. Doutras vezes, são, do mesmo modo, parentes, ou amigos que, conquanto mortos há mais ou menos tempo, aparecem, ou para avisar de um perigo, ou para dar um conselho, ou, ainda, para pedir um serviço. O serviço que o Espírito pode solicitar é, em geral, a execução de uma coisa que lhe não foi possível fazer em vida, ou o auxílio das preces. Estas aparições constituem fatos isolados, que apresentam sempre um caráter individual e pessoal, e não efeito de uma faculdade propriamente dita. A faculdade consiste na possibilidade, senão permanente, pelo menos muito freqüente de ver qualquer Espírito que se apresente, ainda que seja absolutamente estranho ao vidente.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – cap. XIV

4.4.6. Médiuns sonambúlicos

172. Pode considerar-se o sonambulismo uma variedade da faculdade mediúnica, ou, melhor, são duas ordens de fenômenos que freqüentemente se acham reunidos. O sonâmbulo age sob a influência do seu próprio Espírito; é sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe, fora dos limites dos sentidos. O que ele externa tira-o de si mesmo; suas idéias são, em geral, mais justas do que no estado normal, seus conhecimentos mais dilatados, porque tem livre a alma. Numa palavra, ele vive antecipadamente a vida dos Espíritos. O médium, ao contrário, é instrumento de uma inteligência estranha; é passivo e o que diz não vem de si. Em resumo, o sonâmbulo exprime o seu próprio pensamento, enquanto que o médium exprime o de outrem. Mas, o Espírito que se comunica com um médium comum também o pode fazer com um sonâmbulo; dá-se mesmo que, muitas vezes, o estado de emancipação da alma facilita essa comunicação. Muitos sonâmbulos vêem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com tanta precisão, como os médiuns videntes. Podem confabular com eles e transmitir-nos seus pensamentos. O que dizem, fora do âmbito de seus conhecimentos pessoais, lhes é com freqüência sugerido por outros Espíritos. Aqui está um exemplo notável, em que a dupla ação do Espírito do sonâmbulo e de outro Espírito se revela e de modo inequívoco.

173. Um de nossos amigos tinha como sonâmbulo um rapaz de 14 a 15 anos, de inteligência muito vulgar e instrução extremamente escassa. Entretanto, no estado de sonambulismo, deu provas de lucidez extraordinária e de grande perspicácia. Excelia, sobretudo, no tratamento das enfermidades e operou grande número de curas consideradas impossíveis. Certo dia, dando consulta a um doente, descreveu a enfermidade com absoluta exatidão. – ...Não basta, disseram-lhe, agora é preciso que indiques o remédio. Não posso, respondeu, meu anjo doutor não está aqui. – Quem é esse anjo doutor de quem falas? – O que dita os remédios. – Não és tu, então, que vês os remédios? – Oh! não; estou a dizer que é o meu anjo doutor quem mos dita.

Assim, nesse sonâmbulo, a ação de ver o mal era do seu próprio Espírito que, para isso, não precisava de assistência alguma; a indicação, porém, dos remédios lhe era dada por outro. Não estando presente esse outro, ele nada podia dizer. Quando só, era apenas sonâmbulo; assistido por aquele a quem chamava seu anjo doutor, era sonâmbulo-médium.

174. A lucidez sonambúlica é uma faculdade que se radica no organismo e que independe, em absoluto, da elevação, do adiantamento e mesmo do estado moral do indivíduo. Pode, pois, um sonâmbulo ser muito lúcido e ao mesmo tempo incapaz de resolver certas questões, desde que seu Espírito seja pouco adiantado. O que por ele fala pode, portanto, dizer coisas boas ou más, exatas ou falsas, demonstrar mais ou menos delicadeza e escrúpulo nos processos de que use, conforme o grau de elevação, ou de inferioridade do seu próprio Espírito. A assistência então de outro Espírito pode suprir-lhe as deficiências. Mas, um sonâmbulo, tanto como os médiuns, pode ser assistido por um Espírito mentiroso, leviano, ou mesmo mau. Aí, sobretudo, é que as qualidades morais exercem grande influência, para atraírem os bons Espíritos. (Veja-se: O Livro dos Espíritos, “Sonambulismo”, n. 425, e, aqui, adiante, o capítulo sobre a “Influência moral do médium”).

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – cap. XIV

4.4.7. Médiuns curadores

175. Unicamente para não deixar de mencioná-la, falaremos aqui desta espécie de médiuns, porquanto o assunto exigiria desenvolvimento excessivo para os limites em que precisamos ater-nos. Sabemos, ao demais, que um de nossos amigos, médico, se propõe a tratá-lo em obra especial sobre a medicina intuitiva. Diremos apenas que este gênero de mediunidade consiste, principalmente, no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação. Dir-se-á, sem dúvida, que isso mais não é do que magnetismo. Evidentemente, o fluido magnético desempenha aí importante papel; porém, quem examina cuidadosamente o fenômeno sem dificuldade reconhece que há mais alguma coisa. A magnetização ordinária é um verdadeiro tratamento seguido, regular e metódico; no caso que apreciamos, as coisas se passam de modo inteiramente diverso. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, desde que saibam conduzir-se convenientemente, ao passo que nos médiuns curadores a faculdade é espontânea e alguns até a possuem sem jamais terem ouvido falar de magnetismo. A intervenção de uma potência oculta, que é o que constitui a mediunidade, se faz manifesta, em certas circunstâncias, sobretudo se considerarmos que a maioria das pessoas que podem, com razão, ser qualificadas de médiuns curadores recorre à prece, que é uma verdadeira evocação. (Veja-se o n. 131).

176. Eis aqui as respostas que nos deram os Espíritos às perguntas que lhes dirigimos sobre este assunto:

1.^a Podem considerar-se as pessoas dotadas de força magnética como formando uma variedade de médiuns?

“Não há que duvidar”.

2.^a Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; ora, o magnetizador, haurindo em si mesmo a força de que se utiliza, não parece que seja intermediário de nenhuma potência estranha.

“É um erro; a força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias”.

3.^a Há, entretanto, bons magnetizadores que não crêem nos Espíritos?

“Pensas então que os Espíritos só atuam nos que crêem neles? Os que magnetizam para o bem são auxiliados por bons Espíritos. Todo homem que nutre o desejo do bem os chama, sem dar por isso, do mesmo modo que, pelo desejo do mal e pelas más intenções, chama os maus”.

4.^a Agiria com maior eficácia aquele que, tendo a força magnética, acreditasse na intervenção dos Espíritos?

“Faria coisas que consideraríeis milagre”.

5.^a Há pessoas que verdadeiramente possuem o dom de curar pelo simples contacto, sem o emprego dos passes magnéticos?

“Certamente; não tens disso múltiplos exemplos?”

6.^a Nesse caso, há também ação magnética, ou apenas influência dos Espíritos?

“Uma e outra coisa. Essas pessoas são verdadeiros médiuns, pois que atuam sob a influência dos Espíritos; isso, porém, não quer dizer que sejam quais médiuns escreventes, conforme o entendes”.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – cap. XIV

4.4.8. Médiuns pneumatógrafos

177. Dá-se este nome aos médiuns que têm aptidão para obter a escrita direta, o que não é possível a todos os médiuns escreventes. Esta faculdade, até agora, se mostra muito rara. Desenvolve-se, provavelmente, pelo exercício; mas, como dissemos, sem utilidade prática, se limita a uma comprovação patente da intervenção de uma força oculta nas manifestações. Só a experiência é capaz de dar a ver a qualquer pessoa se a possui. Pode-se, portanto, experimentar, como também se pode inquirir a respeito um Espírito protetor, pelos outros meios de comunicação. Conforme seja maior ou menor o poder do médium, obtêm-se simples traços, sinais, letra, palavras, frases e mesmo páginas inteiras. Basta de ordinário colocar uma folha de papel dobrada num lugar qualquer, ou indicado pelo Espírito, durante dez minutos, ou um quarto de hora, às vezes mais. A prece e o recolhimento são condições essenciais; é por isso que se pode considerar impossível a obtenção de coisa alguma, numa reunião de pessoas pouco sérias, ou não animadas de sentimentos de simpatia e benevolência. (Veja-se a teoria da escrita direta, capítulo VIII, Laboratório do mundo invisível, n. 127 e seguintes, e capítulo XII, Pneumatografia).

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – cap. XIV

4.4.9. Médiuns escreventes ou psicógrafos

178. De todos os meios de comunicação, a escrita manual é o mais simples, mais cômodo e, sobretudo, mais completo. Para ele devem tender todos os esforços, porquanto permite se estabeleçam, com os Espíritos, relações tão continuadas e regulares, como as que existem entre nós. Com tanto mais afinho deve ser empregado, quanto é por ele que os Espíritos revelam melhor sua natureza e o grau do seu aperfeiçoamento, ou da sua inferioridade. Pela facilidade que encontram em exprimir-se por esse meio, eles nos revelam seus mais íntimos pensamentos e nos facultam julgá-los e apreciar-lhes o valor. Para o médium, a faculdade de escrever é, além disso, a mais suscetível de desenvolver-se pelo exercício.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – cap. XV

4.4.9.1. Médiuns mecânicos

179. Quem examinar certos efeitos que se produzem nos movimentos da mesa, da cesta, ou da prancheta que escreve não poderá duvidar de uma ação diretamente exercida pelo Espírito sobre esses objetos. A cesta se agita por vezes com tanta violência, que escapa das mãos do médium e não raro se dirige a certas pessoas da assistência para nelas bater. Outras vezes, seus movimentos dão mostra de um sentimento afetuoso. O mesmo ocorre quando o lápis está colocado na mão do médium; freqüentemente é atirado longe com força, ou, então, a mão, bem como a cesta, se agitam convulsivamente e batem na mesa de modo colérico, ainda quando o médium está possuído da maior calma e se admira de não ser senhor de si. Digamos, de passagem, que tais efeitos demonstram sempre a presença de Espíritos imperfeitos; os Espíritos superiores são constantemente calmos, dignos e benévolos; se não são escutados convenientemente, retiram-se e outros lhes tomam o lugar. Pode, pois, o Espírito exprimir diretamente suas idéias, quer movimentando um objeto a que a mão do médium serve de simples ponto de apoio, quer acionando a própria mão.

Quando atua diretamente sobre a mão, o Espírito lhe dá uma impulsão de todo independente da vontade deste último. Ela se move sem interrupção e sem embargo do médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa que dizer, e pára, assim ele acaba.

Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência do que escreve. Quando se dá, no caso, a inconsciência absoluta, têm-se os médiuns chamados passivos ou mecânicos. É preciosa esta faculdade, por não permitir dúvida alguma sobre a independência do pensamento daquele que escreve.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – cap. XV

4.4.9.2. Médiuns intuitivos

180. A transmissão do pensamento também se dá por meio do Espírito do médium, ou, melhor, de sua alma, pois que por este nome designamos o Espírito encarnado. O Espírito livre, neste caso, não atua sobre a mão, para fazê-la escrever; não a toma, não a guia. Atua sobre a alma, com a qual se identifica. A alma, sob esse impulso, dirige a mão e esta dirige o lápis. Notemos aqui uma coisa importante: é que o Espírito livre não se substitui à alma, visto que não a pode deslocar. Domina-a, mau grado seu, e lhe imprime a sua vontade. Em tal circunstância, o papel da alma não é o de inteira passividade; ela recebe o pensamento do Espírito livre e o transmite. Nessa situação, o médium tem consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento. É o que se chama médium intuitivo.

Mas, sendo assim, dir-se-á, nada prova seja um Espírito estranho quem escreve e não o do médium. Efetivamente, a distinção é às vezes difícil de fazer-se, porém, pode acontecer que isso pouca importância apresente. Todavia, é possível reconhecer-se o pensamento sugerido, por não ser nunca preconcebido; nasce à medida que a escrita vai sendo traçada e, amiúde, é contrário à idéia que antecipadamente se formara. Pode mesmo estar fora dos limites dos conhecimentos e capacidades do médium.

O papel do médium mecânico é o de uma máquina; o médium intuitivo age como o faria um intérprete; Este, de fato, para transmitir o pensamento, precisa compreendê-lo, apropriar-se dele, de certo modo, para traduzi-lo fielmente e, no entanto, esse pensamento não é seu, apenas lhe atravessa o cérebro. Tal precisamente o papel do médium intuitivo.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – cap. XV

4.4.9.3. Médiuns semimecânicos

181. No médium puramente mecânico, o movimento da mão independe da vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo. O médium semimecânico participa de ambos esses gêneros. Sente que à sua mão uma impulsão é dada, mau grado seu, mas, ao mesmo tempo, tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam. No primeiro o pensamento vem depois do ato da escrita; no segundo, precede-o; no terceiro, acompanha-o. Estes últimos médiuns são os mais numerosos.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – cap. XV

4.4.9.4. Médiuns inspirados

182. Todo aquele que, tanto no estado normal, como no de êxtase, recebe, pelo pensamento, comunicações estranhas às suas idéias preconcebidas, pode ser incluído na categoria dos médiuns inspirados. Estes, como se vê, formam uma variedade da mediunidade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma força oculta é aí muito menos sensível, por isso que, ao inspirado, ainda é mais difícil distinguir o pensamento próprio do que lhe é sugerido. A espontaneidade é o que, sobretudo, caracteriza o pensamento deste último gênero. A inspiração nos vem dos Espíritos que nos influenciam para o bem, ou para o mal, porém, procede, principalmente, dos que querem o nosso bem e cujos conselhos muito amiúde cometemos o erro de não seguir. Ela se aplica, em todas as circunstâncias da vida, às resoluções que devemos tomar. Sob esse aspecto, pode dizer-se que todos são médiuns, porquanto não há quem não tenha seus Espíritos protetores e familiares, a se esforçarem por sugerir aos protegidos salutares idéias. Se todos estivessem bem compenetrados desta verdade, ninguém deixaria de recorrer com freqüência à inspiração do seu anjo de guarda, nos momentos em que se não sabe o que dizer, ou fazer. Que cada um, pois, o invoque com fervor e confiança, em caso de necessidade, e muito freqüentemente se admirará das idéias que lhe surgem como por encanto, quer se trate de uma resolução a tomar, quer de alguma coisa a compor. Se nenhuma idéia surge, é que é preciso esperar. A prova de que a idéia que sobrevém é estranha

à pessoa de quem se trate está em que, se tal idéia lhe existira na mente, essa pessoa seria senhora de, a qualquer momento, utilizá-la e não haveria razão para que ela se não manifestasse à vontade. Quem não é cego nada mais precisa fazer do que abrir os olhos, para ver quando quiser. Do mesmo modo, aquele que possui idéias próprias tem-nas sempre à disposição. Se elas não lhes vêm quando quer, é que está obrigado a buscá-las algures, que não no seu íntimo.

Também se podem incluir nesta categoria as pessoas que, sem serem dotadas de inteligência fora do comum e sem saírem do estado normal, têm relâmpagos de uma lucidez intelectual que lhes dá momentaneamente desabitual facilidade de concepção e de elocução e, em certos casos, o pressentimento de coisas futuras. Nesses momentos, que com acerto se chamam de inspiração, as idéias abundam, sob um impulso involuntário e quase febril. Parece que uma inteligência superior nos vem ajudar e que o nosso espírito se desembaraçou de um fardo.

183. Os homens de gênio, de todas as espécies, artistas, sábios, literatos, são sem dúvida Espíritos adiantados, capazes de compreender por si mesmos e de conceber grandes coisas. Ora, precisamente porque os julgamos capazes, é que os Espíritos, quando querem executar certos trabalhos, lhes sugerem as idéias necessárias e assim é que eles, as mais das vezes, são médiuns sem o saberem. Têm, no entanto, vaga intuição de uma assistência estranha, visto que todo aquele que apela para a inspiração, mais não faz do que uma evocação.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – cap. XV

4.4.9.5. Médiuns de pressentimentos

184. O pressentimento é uma intuição vaga das coisas futuras. Algumas pessoas têm essa faculdade mais ou menos desenvolvida. Pode ser devida a uma espécie de dupla vista, que lhes permite entrever as conseqüências das coisas atuais e a filiação dos acontecimentos. Mas, muitas vezes, também é resultado de comunicações ocultas e, sobretudo neste caso, é que se pode dar aos que dela são dotados o nome de médiuns de pressentimentos, que constituem uma variedade dos médiuns inspirados.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – cap. XV

REFLEXÃO

Para que uma comunicação espiritual seja boa, preciso é que proceda de um espírito bom; para que esse bom espírito a possa transmitir, indispensável lhe é um bom instrumento; para que queira transmiti-la, necessário se faz que o fim lhe convenha.

Allan Kardec

5. Mediunidade e reforma íntima

5.1. Mediunidade: verdadeira definição

Missionário é o espírito que, sem nada dever à humanidade terrena nem ter mais nada a aprender neste mundo, aceita nascer na Terra com um encargo, uma tarefa em especial, para ajudar o progresso dos que aqui vivem.

Neste sentido, poucos serão os verdadeiros missionários na Terra, que é um planeta de espíritos ainda sujeitos a provas e expiações.

Mas qualquer pessoa que recebe um encargo, uma tarefa para realizar, pode dizer que está “incumbido de uma missão”.

Neste sentido, todo médium, mesmo sendo uma criatura imperfeita, tem sua missão, isto é, um trabalho a fazer, um papel a desempenhar: o de intermediário entre o plano invisível e o material, colocando a verdade espiritual ao alcance das criaturas.

É uma pena que algumas pessoas com mediunidade não entendam o valor da sua faculdade e não queiram exercitá-la devidamente, alegando: “Tenho medo de lidar com os espíritos”, “Dá muito trabalho e ocupa muito tempo”, “Não vou poder viver a minha vida como gosto”, etc.

Não empregando sua faculdade mediúnica, o médium não se livra da presença e atuação dos espíritos em geral. Pelo contrário, fica mais a mercê dos maus espíritos por lhe faltar autoridade moral e o exercício no bem, que podia mas não quer fazer.

A mediunidade é abençoada oportunidade de serviço, através do qual o médium resgata dívidas do passado, aprende muito sobre a vida espiritual e pode progredir mais depressa moralmente.

Mas para trabalhar como médium, não é preciso renunciar a uma vida normal, na família, no estudo, na profissão ou socialmente. Basta renunciar apenas aos excessos, à indisciplina, à rebeldia, aos vícios, e se interessar pelas atividades espirituais superiores.

Depende do médium achar que sua faculdade mediúnica é uma obrigação constrangedora ou considerá-la uma pequenina, abençoada missão e executá-la com satisfação íntima.

Procure o médium aceitar a sua mediunidade, embora as dificuldades e problemas com que se apresente; cultive-a com carinho, respeite sua finalidade superior. E terá as mais sublimes compensações pela tarefa que executar como intermediário entre o Céu e a Terra.

Mas não se julgue nunca um espírito missionário, na verdadeira acepção do termo, nem dispute esse título. A não ser que seja tão bom, tão verdadeiro e tão realizador para o bem como aqueles que Deus nos envia em missão.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – 2ª parte – cap. XVII – item 220 (12/14)

- Qual a verdadeira definição da mediunidade?

- A mediunidade é aquela luz que seria derramada sobre toda carne e prometida pelo Divino Mestre aos tempos do Consolador, atualmente em curso na Terra.

A missão mediúnica, se tem os seus percalços e as suas lutas dolorosas, é uma das mais belas oportunidades de progresso e de redenção concedidas por Deus aos seus filhos misérrimos.

Sendo luz que brilha na carne, a mediunidade é atributo do Espírito, patrimônio da alma imortal, elemento renovador da posição moral da criatura terrena, enriquecendo todos os seus valores no capítulo da virtude e da inteligência, sempre que se encontre ligada aos princípios evangélicos na sua trajetória pela face do mundo.

- É justo considerarmos todos os homens como médiuns?

- Todos os homens têm o seu grau de mediunidade, nas mais variadas posições evolutivas, e esse atributo do espírito representa, ainda, a alvorada de novas percepções para o homem do futuro, quando, pelo avanço da mentalidade do mundo, as criaturas humanas verão alargar-se a janela acanhada dos seus cinco sentidos.

Na atualidade, porém, temos de reconhecer que no campo imenso das potencialidades psíquicas do homem existem os médiuns com tarefa definida, precursores das novas aquisições humanas. É certo que essas tarefas reclamam sacrifícios e se constituem, muitas vezes, de provações ásperas; todavia, se o operário busca a substância evangélica para a execução de seus deveres, é ele o trabalhador que faz jus ao acréscimo de misericórdia prometido pelo Mestre a todos os discípulos de boa-vontade.

O Consolador – Emmanuel – Qs. 382 e 383

5.2. Diante do surgimento da mediunidade

... observando-se a floração mediúnica espontânea, nas expressões mais simples, deve-se aceitar o evento com as melhores disposições de trabalho e boa-vontade, seja essa possibilidade psíquica a mais humilde de todas.

Não existe mediunidade mais preciosa uma que a outra.

Qualquer uma é campo aberto às mais belas realizações espirituais, sendo justo que o médium, com a tarefa definida, se encha de espírito missionário, com dedicação sincera e fraternidade pura, para que o seu mandato não seja traído na improdutividade.

O Consolador - Emmanuel

5.3. Não basta só a mediunidade

Ser médium não quer dizer que a alma esteja agraciada por privilégios ou conquistas feitas. Muitas vezes, é possível encontrar pessoas altamente favorecidas com o Dom da mediunidade, mas dominadas, subjugadas por entidades sombrias ou delinqüentes, com as quais se afinam de modo perfeito, servindo ao escândalo e à perturbação, em vez de cooperarem na extensão do bem. Por isso é que não basta a mediunidade para a concretização dos serviços que nos competem. Precisamos da Doutrina do Espiritismo, do Cristianismo puro, a fim de controlar a energia medianímica, de maneira a mobilizá-la em favor da sublimação espiritual na fé religiosa, tanto quanto disciplinamos a eletricidade, a benefício do conforto na Civilização.

Pérolas do Além – pág. 157

5.4. A maior necessidade do médium

- Qual a maior necessidade do médium?

- A primeira necessidade do médium é evangelizar-se a si mesmo antes de se entregar às grandes tarefas doutrinárias, pois, de outro modo poderá esbarrar sempre com o fantasma do personalismo, em detrimento de sua missão.

O Consolador – Emmanuel – Q. 387

5.5. A importância do estudo

- Pode contar um médium, de maneira absoluta, com os seus guias espirituais, dispensando os estudos?

- Os mentores de um médium, por mais dedicados e evolucionados, não lhe poderão tolher a vontade e nem lhe afastar o coração das lutas indispensáveis da vida, em cujos benefícios todos os homens resgatam o passado delituoso e obscuro, conquistando méritos novos.

O médium tem obrigação de estudar muito, observar intensamente e trabalhar em todos os instantes pela sua própria iluminação. Somente desse modo poderá habilitar-se para o desempenho da tarefa que lhe foi confiada, cooperando eficazmente com os Espíritos sinceros e devotados ao bem e à verdade.

Se um médium espera muito dos seus guias, é lícito que os seus mentores espirituais muito esperem do seu esforço. E como todo progresso humano, para ser continuado, não pode prescindir de suas bases já edificadas no espaço e no tempo, o médium deve entregar-se ao estudo, sempre que possível, criando o hábito de conviver com o espírito luminoso e benéfico dos instrutores da Humanidade, sob a égide de Jesus, sempre vivos no mundo, através dos seus livros e da sua exemplificação.

O costume de tudo aguardar de um guia pode transformar-se em vício detestável, infirmando as possibilidades mais preciosas da alma. Chegando-se a esse desvirtuamento, atinge-se o declive das mistificações e das extravagâncias doutrinárias, tornando-se o médium preguiçoso e leviano responsável pelo desvio de sua tarefa sagrada.

O Consolador – Emmanuel – Q. 392

5.6. Perda ou suspensão da mediunidade

- A mediunidade pode ser retirada em determinadas circunstâncias da vida?

- Os atributos medianímicos são como os talentos do Evangelho. Se o patrimônio divino é desviado de seus fins, o mau servo torna-se indigno da confiança do Senhor da seara da verdade e do amor. Multiplicados no bem, os talentos mediúnicos crescerão para Jesus, sob as bênçãos divinas; todavia, se sofrem o insulto do egoísmo, do orgulho, da vaidade ou da exploração inferior, podem deixar o intermediário do invisível entre as sombras pesadas do estacionamento, nas mais dolorosas perspectivas de expiação, em vista do acréscimo de seus débitos irrefletidos.

O Consolador – Emmanuel – Q. 389

5.7. A remuneração financeira

- Seria justo aceitar remuneração financeira no exercício da mediunidade?

- Quando um médium se resolve a transformar suas faculdades em fonte de renda material, será melhor esquecer suas possibilidades psíquicas e não se aventurar pelo terreno delicado dos estudos espirituais.

A remuneração financeira, no trato das questões profundas da alma, estabelece um comércio criminoso, do qual o médium deverá esperar no futuro os resgates mais dolorosos.

A mediunidade não é ofício do mundo, e os Espíritos esclarecidos, na verdade e no bem, conhecem, mais que os seus irmãos da carne, as necessidades dos seus intermediários.

O Consolador – Emmanuel – Q. 402

5.7.1. “De graça recebestes, de graça dáí”

A mediunidade é uma faculdade concedida por Deus às criaturas, que nada pagam por ela.

Por isso, quando desenvolveu a mediunidade nos seus discípulos e os mandou trabalharem com ela em favor da humanidade, Jesus lhes disse: “De graça recebestes, de graça dáí” (Mt. 10).

O Mestre não somente recomendou o exercício gratuito da mediunidade, Ele o exemplificou, nada cobrando dos discípulos pelo desenvolvimento mediúnico que neles promoveu e jamais cobrando nada de ninguém por qualquer das obras espirituais que realizou, inclusive as curas.

E, ao expulsar os vendilhões do Templo de Jerusalém, deu enérgica demonstração de que não se deve comerciar com as coisas espirituais, nem torná-las objeto de especulação ou meio de vida.

5.7.2. Porque o exercício mediúnico não pode ser cobrado

No campo material, a remuneração representa o valor da permuta feita para satisfazer as necessidades da vida na Terra. É lícito e natural a pessoa receber paga pelo seu trabalho, pelo exercício de sua aptidão. A mediunidade, porém, não deve, jamais, ser comercializada nem profissionalizada, porque:

- **Tem finalidade espiritual fundamental** para todos os seres: a comunicação com o plano espiritual. É como o ar, a que toda criatura tem direito por ser fundamental para a vida. Se as coisas espirituais forem pagas, os pobres poderão ter dificultado ou impedido o acesso ao esclarecimento, ao conforto e à ajuda espiritual.
- **Não temos o direito de explorar o trabalho dos espíritos**, já que:
 - **Repugna expor os espíritos familiares e amigos para lucrar**, ganhar alguma coisa com isso.
 - **É imoral recebermos nós a paga quando os espíritos é que trabalham**. No transe mediúnico, somos intermediários mas o trabalho é dos espíritos. Como vender palavras, ensinamentos, fenômenos, etc., que não se originam de nossas idéias, pesquisas ou qualquer outra espécie de trabalho pessoal?
 - **Não podemos assegurar os resultados**. A mediunidade é uma faculdade fugidia, instável, com a qual ninguém pode contar com certeza, pois não funciona sem o concurso dos espíritos. Estes, quando bons, não se prestam ao comércio mediúnico; e, quando maus, também não gostam de ser explorados e nem sempre querem atuar. “Explorar a mediunidade é, portanto, dispor de uma coisa de que realmente não se é dono. Afirmar o contrário é enganar a quem paga.”
 - **Lançamos com isso descrédito sobre a mediunidade**. Quando nos fazemos pagar pelo exercício mediúnico, acarretamos descrédito sobre nós mesmos e para o intercâmbio espiritual. Isto traz grave prejuízo para o progresso moral da humanidade, pois, desacreditando a manifestação mediúnica, a humanidade perde sua fonte de informações, conforto e ajuda espiritual. “A mediunidade séria nunca pode constituir uma profissão, isso a desacredita moralmente e a assimilaria aos ledores da “buena dicha”. “Esse tráfico, degenerado em abuso, explorado pelo charlatanismo, a ignorância e a credulidade dos supersticiosos foi que levou Moisés a proibi-la. O espiritismo moderno, compreendendo a feição honesta do fenômeno, elevou a mediunidade ao grau de missão.”
 - **Atrai espíritos inferiores**. Como os bons espíritos não se prestam a esse comércio e se afastam, os que ficam junto do médium mercenário são espíritos levianos, pseudo-sábios ou até malévolos mas, no mínimo, ignorantes. O médium que vende seu trabalho mediúnico expõe-se à influência dos espíritos inferiores, dos quais se torna comparsa, cúmplice, comprometendo com isso sua situação espiritual, presente e futura.

5.8. A remuneração espiritual

Observemos que “paga” não é somente o dinheiro mas tudo aquilo que represente remuneração, lucro, vantagem, interesse puramente pessoal, satisfação da vaidade e do orgulho.

Quando um médium dá seu tempo ao público, dizendo que o faz no interesse da causa espírita mas não pode dá-lo de graça, perguntamos com Kardec:

Mas será no interesse da causa ou no seu próprio que o dá e não será porque ele entrevê aí uma ocupação lucrativa? Por este preço, encontram-se sempre pessoas devotadas. Porventura haverá somente este trabalho à sua disposição?

Quem não tiver com que viver, procure recursos fora da mediunidade. Se quiser, consagre-lhe materialmente o tempo disponível. Os espíritos levarão em conta o seu devotamento e sacrifício, ao passo que se afastam de quem dela faça escabelo.

À parte estas considerações morais, não contestamos de modo nenhum que possa haver médiuns interesseiros honrados e conscienciosos, porque há pessoas honestas em todas as profissões; mas se convirá, pelos motivos que expusemos, que o abuso tem mais razão de estar com os médiuns pagos do que junto àqueles que, olhando sua faculdade como um favor, não a empregam senão para prestar serviços gratuitamente.

Kardec está com a razão e podemos aduzir que a gratuidade dos serviços no meio espírita tem assegurado o afastamento das pessoas interesseiras e mal intencionadas. O desprendimento e o desinteresse exigidos, valem, pois, como um dispositivo de segurança para o movimento espírita.

Todo o bem que fazemos, porém, sempre tem sua recompensa. Afirmou Jesus que “digno é o trabalhador do seu salário” e a lei de ação e reação sempre dá às criaturas segundo suas obras.

Assim, o médium que exerce sua faculdade como Jesus recomenda, sem interesses materiais ou egoístas, não deixará de receber um natural salário espiritual, pois conseguirá, entre outras, as seguintes conseqüências felizes:

- Pagar dívidas anteriores pelo bem que ensinar com seu trabalho, e adquirir méritos para novas realizações.
- Acelerar o próprio progresso, pelo desenvolvimento que resulta do exercício de suas faculdades e pelo conhecimento que adquire sobre a vida imortal.
- Convívio com os bons espíritos, e a proteção deles, em virtude da tarefa redentora a que se vincula.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – caps. XXVIII e XXXI – item X – Sobre os médiuns

5.9. Valorização da mediunidade

- Como deverá proceder o médium sincero para a valorização do seu apostolado?

- O médium sincero necessita compreender que, antes de cogitar da doutrinação dos Espíritos, ou de seus companheiros de luta na Terra, faz-se mister a iluminação de si próprio pelo conhecimento, pelo cumprimento dos deveres mais elevados e pelo esforço de si mesmo na assimilação perfeita dos princípios doutrinários.

No desdobramento dessa tarefa, jamais deve descuidar-se da vigilância, buscando aproveitar as possibilidades que Jesus lhe concedeu na edificação do trabalho estável e útil. Não deve cultivar o sofrimento pelas queixas descabidas e demasiadas e nem recorrer, a todo instante, à assistência dos seus guias, como se perseverasse em manter uma atitude de criança inexperiente.

O estudo da Doutrina e, sobretudo, o cultivo da auto-evangelização devem ser ininterruptos. O médium sincero sabe vigiar, fugindo da exploração material ou sentimental, compreendendo, em todas as ocasiões, que o mais necessitado de misericórdia é ele próprio, a fim de dar pleno testemunho do seu apostolado.

O Consolador – Emmanuel – Q. 409

5.10. O maior obstáculo

- Onde o maior escolho do apostolado mediúnico?

- O primeiro inimigo do médium reside dentro dele mesmo. Frequentemente é o personalismo, é a ambição, a ignorância ou a rebeldia no voluntário desconhecimento dos seus deveres à luz do Evangelho, fatores de inferioridade moral que, não raro, o conduzem à invigilância, à leviandade e à confusão dos campos improdutivos.

Contra esse inimigo é preciso movimentar as energias íntimas pelo estudo, pelo cultivo da humildade, pela boa-vontade, com o melhor esforço de auto-educação, à claridade do Evangelho.

O segundo inimigo mais poderoso do apostolado mediúnico não reside no campo das atividades contrárias à expansão da Doutrina, mas no próprio seio das organizações espiritistas, constituindo-se daquele que se convenceu quanto aos fenômenos, sem se converter ao Evangelho pelo coração, trazendo para as fileiras do Consolador os seus caprichos pessoais, as suas paixões inferiores, tendências nocivas, opiniões cristalizadas no endurecimento do coração, sem reconhecer a realidade de suas deficiências e a exigüidade dos seus cabedais íntimos. Habitados ao estacionamento, esses irmãos infelizes desdenham o esforço próprio – única estrada de edificação definitiva e sincera – para recorrerem aos Espíritos amigos nas menores dificuldades da vida, como se o apostolado mediúnico fosse uma cadeira de cartomante. Incapazes do trabalho interior pela edificação própria na fé e na confiança em Deus, dizem-se necessitados de conforto. Se desatendidos em seus caprichos inferiores e nas suas questões pessoais, estão sempre prontos para acusar e escarnecer. Falam da caridade, humilhando todos os princípios fraternos; não conhecem outro interesse além do que lhes lastreia o seu próprio egoísmo. São irônicos, acusadores e procedem quase sempre como crianças levianas e inquietas, esses são também aqueles elementos da confusão, que não penetram o templo de Jesus e nem permitem a entrada de seus irmãos.

Esse gênero de inimigos do apostolado mediúnico é muito comum e insistente nos seus processos de insinuação, sendo indispensável que o missionário do bem e da luz se resguarde na prece e na vigilância. E como a verdade deve sempre surgir no instante oportuno, para que o campo do apostolado não se esterilize, faz-se imprescindível fugir deles.

O Consolador – Emmanuel – Q. 410

5.11. Onde buscar o fortalecimento espiritual

- Onde a luz definitiva para a vitória do apostolado mediúnico?

- Essa claridade divina está no Evangelho de Jesus, com o qual o missionário deve estar plenamente identificado para a realização sagrada da sua tarefa. O médium sem Evangelho pode fornecer as mais elevadas informações ao quadro das filosofias e ciências fragmentárias da Terra; pode ser um profissional de nomeada, um agente de experiências do invisível, mas não poderá ser um apóstolo pelo coração. Só a aplicação com o Divino Mestre prepara no íntimo do trabalhador a fibra da iluminação para o amor, e da resistência contra as energias destruidoras, porque o médium evangelizado sabe cultivar a humildade no amor ao trabalho de cada dia, na tolerância esclarecida, no esforço educativo de si mesmo, na significação da vida, sabendo, igualmente, levantar-se para a defesa da sua tarefa de amor, defendendo a verdade sem transigir com os princípios no momento oportuno.

O apostolado mediúnico, portanto, não se constitui tão-somente da movimentação das energias psíquicas em suas expressões fenomênicas e mecânicas, porque exige o trabalho e o sacrifício do coração, onde a luz da comprovação e da referência é a que nasce do entendimento e da aplicação com Jesus Cristo.

O Consolador – Emmanuel – Q. 411

5.12. Cuidados do médium com o seu físico

Sabendo que a sua mediunidade tem raízes na organização física, o médium cuidará do seu corpo, de sua saúde, evitando vícios, irritações, sobrecarga na alimentação, excesso desnecessário de atividades (especialmente nos dias de tarefa mediúnica) e tudo o mais que prejudique seu equilíbrio físico e psíquico.

5.13. Vigilância cristã

5.13.1. A recomendação de Jesus

“Orai e vigiai para não cairdes em tentação”, recomendou Jesus (MT. 26 v. 41).

Vigiar significa estar alerta, atento.

O QUE VIGIAR?

A recomendação de Jesus, sem dúvida, se refere ao que é espiritual. Nossa vida é, fundamentalmente espiritual, mas também está ligada ao plano material. Portanto, devemos estar alertas, vigilantes com a própria vida, a tudo e a todos.

COMO VIGIAR?

Observando e analisando, do ponto de vista espírita cristão, os pensamentos, sentimentos, palavras e atos nossos (principalmente) e dos outros (encarnados e desencarnados).

PARA QUE VIGIAR?

“Para não cairdes em tentação” é a finalidade apontada por Jesus. Não é para conhecer e criticar ou para temer e agredir, mas para procurar evitar o erro e corrigi-lo. Vigiem, pois. Ou seja, estejamos atentos:

A NÓS MESMOS

- Para não virmos a ensejar sintonia fluídica ou mental com os espíritos inferiores, encarnados ou não.
Ex.: atrações infelizes no campo do sexo ou da ambição etc. e que podem ocasionar obsessão.
- Para não gerar dificuldades ou complicações.
Ex.: preguiça gerando pobreza, irritação produzindo doença.
- Para não provocar reações más em nossos semelhantes.
Ex.: violência provocando desejo de revanche, exploração, trazendo a revolta e o ódio.
- Para não errarmos na resposta a dar aos estímulos e provas naturais que a vida terrena nos enseja.
Ex.: fazer o bem e não reagir ao mal com o mal.

AOS OUTROS

- Para não acompanharmos seus erros.
- Para não deixarmos que nos prejudiquem espiritualmente.
- Para ajudá-los, no que pudermos.

A TUDO

- Para corrigir o que estiver errado e desenvolver e aperfeiçoar o que estiver certo em favor de todos.

5.13.2. Vigilância na prática mediúnica

O médium educado doutrinariamente, durante o transe mediúnico vigia:

Seus movimentos: mantém-se controlado; é dono de si mesmo, de seus gestos, e não age de acordo com o desejo do espírito desorientado, quando ele tenciona esmurrar, quebrar, agredir.

Suas palavras: não permite que sua língua se torne instrumento de irmãos desequilibrados, para palavras indignas ou de baixo calão.

Seus pensamentos: sustenta pensamentos elevados de fraternidade, compreensão, calma; isto garante um clima de paz, harmonia, em que o espírito comunicante pode haurir forças e comunicar-se de maneira satisfatória. O médium é um enfermeiro amigo e seu comportamento deve ser uma grande lição de amor ao espírito necessitado que se comunica.

5.13.3. Vícios

Definição: é todo hábito prejudicial, que nos desvia de nossas corretas funções, seja em que setor de atividade for, causando desgaste de energias e perda de tempo, sem produzir o bem e o progresso. Devemos comandar nossas necessidades e sentimentos. A partir do momento em que eles passam a dirigir o indivíduo, ele está sob o vício, escravizado.

Exemplos:

SEXO

Desregramentos sexuais produzem bacilos psíquicos que influem sobre as células geradoras, chegando a aniquilá-las.

ÁLCOOL, FUMO E TÓXICOS

Seu uso abusivo produz fluidos venenosos que abalam o sistema nervoso e lesam funções orgânicas.

ALIMENTAÇÃO

Excessos alimentares constantes criam parasitas fluídicas, além dos materiais que se alteram, prejudicando todo o aparelho digestivo.

Abstenção maior deve ser feita em dias de estudos e práticas espirituais (evitar: pratos gordurosos, álcool, cigarros etc., e deve ser leve a refeição que preceder a reunião espiritual).

5.13.4. Conclusão

Vigiemos o uso que fazemos de nosso corpo (é um templo bendito para aprendizado, resgate, serviço e comunicação com nossos semelhantes); evitemos prejudicá-lo com desvios e excessos de qualquer tipo.

Vigiemos nossa conduta espiritual, em todos os instantes e circunstâncias, para não prejudicarmos nosso perispírito nem cedermos às influências perniciosas, de encarnados ou desencarnados.

Teremos, por recompensa, assegurada nossa integridade, saúde, segurança e bem estar, material e espiritual.

Desenvolvimento Mediúnico – Roque Jacintho

Missionários da Luz – André Luiz

REFLEXÃO

A mediunidade não é exclusiva dos chamados “médiums”. Todas as criaturas a possuem, porquanto significa percepção espiritual, que deve ser incentivada em nós mesmos. Não bastará, entretanto, perceber. É imprescindível santificar essa faculdade, convertendo-a no ministério ativo do bem.

André Luiz – Missionários da Luz

6. Casos

LIVRO

Os mensageiros – André Luiz – caps. 7 e 8.

LOCAL

Centro de Mensageiros, no Ministério da Comunicação da Cidade Espiritual “Nosso Lar”.

ESPÍRITO INSTRUTOR

Aniceto, que se encontra em missão de instruir André Luiz

A QUEDA DE OTÁVIO

A ausência de Aniceto deu ensejo a palestras interessantes.

Formaram-se grupos de convenção amiga.

Impressionado com as senhoras que haviam solicitado providências para Otávio, pedi a Vicente me apresentasse a elas, não que me movesse curiosidade menos digna, mas desejo de alcançar novos valores educativos sobre a tarefa mediúnica, que a palavra de Telésforo me fizera sentir em tons diferentes.

O amigo atendeu de boamente.

Em breves momentos, não me achava tão só à frente das irmãs Isaura e Isabel, mas do próprio Otávio, um pálido senhor que aparentava quarenta anos.

– Também sou principiante aqui – expliquei – e minha condição é a do médico falido nos deveres que o Senhor lhe confiou.

Otávio sorriu e respondeu:

– Possivelmente, o meu amigo terá a seu favor o fato de haver ignorado as verdades eternas, no mundo. O mesmo não ocorre comigo, ai de mim! Não desconhecia o roteiro certo, que o Pai me designava para as lutas na Terra. Não possuía títulos oficializados de competência; entretanto, dispunha de considerável cultura evangélica, coisa que, para a vida eterna, é de maior importância que a cultura intelectual, simplesmente considerada. Tive amigos gêneros do plano superior, que se faziam visíveis aos

meus olhos, recebi mensagens repletas de amor e sabedoria e, no entanto caí mesmo assim, obedecendo à imprevidência e à vaidade.

As observações de Otávio impressionavam-me vivamente. Quando no mundo, eu não tivera contacto especial com as escolas espirituais e experimentava certa dificuldade para compreender tudo quanto ele desejava dizer.

– Ignorava a extensão das responsabilidades mediúnicas – respondi.

– As tarefas espirituais – tornou o interlocutor, algo acabrunhado – ocupam-se de interesse eternos e daí a enormidade de minha falta. Os mordomos de bens da alma estão investidos de responsabilidades pesadíssimas. Os estudiosos, os crentes, os simpatizantes, no campo da fé, podem alegar ignorância e inibição; todavia, os sacerdotes não têm desculpa. É o mesmo que se verifica na tarefa mediúnica. Os aprendizes ou beneficiários, nos templos da revelação nova, podem referir-se a determinados impedimentos; mas o missionário é obrigado a caminhar com um patrimônio de certezas tais, que coisa alguma o exonera das culpas adquiridas.

– Mas, meu amigo – perguntei, assaz impressionado –, que teria motivado seu martírio moral? Noto-o tão consciente de si mesmo, tão superiormente informado sobre as leis da vida, que me custa acreditar se encontre necessitado de novas experiências nesse capítulo...

Ambas as senhoras presentes mostraram estranho brilho no olhar, enquanto Otávio respondia:

– Relatarei minha queda. Verá como perdi maravilhosa oportunidade de elevação.

E, após mais longa pausa, continuou, gravemente:

– Depois de contrair dívidas enormes na esfera carnal, noutra tempo, vim bater às portas de “Nosso Lar”, sendo atendido por irmãos dedicados, que se revelaram incansáveis para comigo. Preparei-me, então durante trinta anos consecutivos, para voltar à terra em tarefa mediúnica, desejoso de saldar minhas contas e elevar-me alguma coisa. Não faltaram lições verdadeiramente sublimes, nem estímulos santos ao meu coração imperfeito. O Ministério da Comunicação favoreceu-me com todas as facilidades e, sobretudo, seis entidades amigas movimentaram os maiores recursos em benefício do meu êxito, Técnicos do Auxílio acompanharam-me à Terra, nas vésperas do meu renascimento, entregando-me um corpo físico rigorosamente sadio. Segundo a magnanimidade dos meus benfeitores daqui, ser-me-ia concedido certo trabalho de relevo, na esfera de consolação às criaturas. Permaneceria junto das falanges de colaboradores encarregados do Brasil, animando-lhes os esforços e atendendo a irmãos outros ignorantes, perturbados ou infelizes. O matrimônio não deveria entrar na linha de minhas cogitações, não que o casamento possa colidir com o exercício da mediunidade, mas porque meu caso particular assim o exigia, Nada obstante, solteiro deveria receber aos vinte anos, os seis amigos que muito trabalharam por mim, em “Nosso Lar”, os quais chegariam ao meu círculo como órfãos. Meu débito para com essas entidades tornou-se muito grande e a providência não só constituiria agradável resgate para mim, como também garantia de triunfo pelo serviço de assistência a elas, o que me preservaria o coração de leviandades e vacilações, porquanto o ganha-pão laborioso me compeliaria a não aceder a sugestões inferiores nos domínios do sexo e das ambições incontidas. Ficou também assentado que minhas atividades novas começariam com muitos sacrifícios, para que o possível carinho de outrem não amolecasse a minha fibra de realização, e para que se não escravizasse minha tarefa a situações caprichosas do mundo, distantes do desígnio de Jesus e, sobretudo, para que fosse mantida a impessoalidade do serviço. Mais tarde, então, com o correr dos anos de edificação, me enviariam de “Nosso Lar” socorros materiais, cada vez maiores, à medida que fosse testemunhado renúncia de mim mesmo, desprendimento das posses efêmeras, desinteresse pela remuneração dos sentidos, de maneira a intensificar, progressivamente, a sementeira de amor confiada às minhas mãos.

Tudo combinado, voltei, não só prometendo fidelidade aos meus instrutores, como também hipotecando a certeza do meu devotamento às seis entidades amigas, a quem muito devo até agora.

Otávio, nesse momento, fez uma pausa mais longa, suspirou fundamente, e prosseguiu:

– Mas, ai de mim, que olvidei todos os compromissos! Os benfeitores de “Nosso Lar” localizaram-me ao lado de verdadeira serva de Jesus. Minha mãe era espiritista cristã desde moça. Não obstante as tendências materialistas de meu pai, que era, todavia, um homem de bem. Aos treze anos fiquei órfão de mãe e, aos quinze começaram para mim os primeiros chamados da esfera superior. Por essa ocasião, meu pai contraiu segundas núpcias, e, apesar da bondade e cooperação que a madrasta me oferecia, eu me

colocava num plano de falsa superioridade, a respeito dela. Em vão, minha genitora endereçou, do invisível, apelos sagrados ao meu coração. Eu vivia revoltado, entre queixas e lamentações descabidas. Meus parentes conduziram-me a um grupo espiritista de excelente orientação evangélica, onde minhas faculdades poderiam ser postas a serviço dos necessitados e sofredores; entretanto, faltavam-me qualidades de trabalhador e companheiro fiel. Minha negação em matéria de confiança nos orientadores espirituais e acentuado pendor para a crítica dos atos alheios compeliavam-me a desagradável estacionamento. Os beneméritos amigos do invisível estimulavam-me ao serviço, mas eu duvidava deles com minha vaidade doentia. E como prosseguissem os apelos sagrados, por mim interpretados como alucinações, procurei um médico que me aconselhou experiências sexuais. Completara, então dezoito anos e entreguei-me desenfreadamente ao abuso de faculdades sublimes. Desejava conciliar, à força, o prazer delituoso e o dever espiritual, alheando-me, cada vez mais, dos ensinamentos evangélicos que os amigos da esfera superior nos ministravam. Tinha pouco mais de vinte anos, quando meu pai foi arrebatado pela morte. Com a triste ocorrência, ficavam na orfandade seis crianças desfavorecidas, porquanto minha madrasta, ao se consorciar com meu genitor lhe trouxera para a tutela três pequeninos. Em vão implorou-me socorro a pobre viúva. Nunca me dignei aceitar os encargos redentores que me estavam destinados. Após dois anos de segunda viuvez, minha desventurada madrasta foi recolhida a um leprosário. Afastei-me, então, dos pequenos órfãos, tomado de horror. Abandonei-os definitivamente, sem refletir que lançava meus credores generosos, de “Nosso Lar”, a destino incerto. Em seguida, dando largas à ociosidade, cometi uma ação menos digna e fui obrigado a casar-me pela violência. Mesmo assim, porém, persistiam os chamados do invisível, revelando-me a inesgotável misericórdia do Altíssimo. Contudo à medida que olvidava meus deveres, toda tentativa de realização espiritual figurava-se-me mais difícil. E continuou a tragédia que inventei para meu próprio tormento. A esposa a que me ligara, tão somente por apetites inconfessáveis, era criatura muito inferior à minha condição espiritual e atraiu uma entidade monstruosa, em ligação com ela, para tomar o papel de meu filho. Releguei à rua seis carinhosas crianças, cuja convivência concorreria decisivamente para minha segurança moral, mas a companheira e o filho, ao que me pareceu, incumbiram-se da vingança. Atormentaram-me ambos, até ao fim da existência, quando para aqui regresssei, mal tendo completado quarenta anos, roído pela sífilis, pelo álcool e pelos desgostos... sem nada haver feito para meu futuro eterno... Sem construir coisa alguma no terreno do bem...

Enxugou os olhos úmidos e concluiu:

– Como vê, realizei todos os meus condenáveis desejos, menos os desejos de Deus. Foi por isso que falei, agravando antigos débitos...

Nesse instante, calou-se como se alguma coisa invisível lhe constringisse a garganta.

Abracei-o com simpatia fraternal, ansioso de proporcionar-lhe estímulo ao coração, mas Dona Isaura aproximou-se mais, acariciou-lhe a fronte e falou:

– Não chores, filho! Jesus não nos falta com a benção do tempo. Tem calma e coragem...

E identificando-lhe o carinho, meditei na Bondade Divina, que faz ecoar o Cântico sublime do amor de mãe, mesmo nas regiões de além-morte.

O DESASTRE DE ACELINO

la dirigir-me a Otávio novamente, quando alguém se aproximou e falou ao ex-médium, com voz forte:

– Não chore, meu caro. Você não está desamparado. Além disso, pode contar com o devotamento materno. Vico em piores condições, mas não me faltam esperanças. Sem dúvidas, estamos em bancarrota espiritual; no entanto, é razoável aguardarmos, confiantes, novo empréstimo de oportunidades do Tesouro Divino. Deus não está pobre.

Voltei-me surpreendido e não reconheci o recém-chegado.

Dona Isaura fez o obséquio das apresentações.

Estávamos diante de Acelino, que partilhara a mesma experiência.

Fitando-o, triste, Otávio sorriu e advertiu:

– Não sou um criminoso para o mundo, mas sou um falido para Deus e para “Nosso Lar”.

– Sejam, porém, lógicos – revidou Acelino, parecendo mais encorajado –, você perdeu a partida porque não jogou, e eu a perdi jogando desastrosamente. Tive onze anos de tormento nas zonas inferiores. Sua situação não reclamou esse drástico. Mesmo assim, confio na Providência.

Nesse instante, interveio Vicente, acrescentando:

– Cada um de nós tem a experiência que lhe é própria. Nem todos ganham nas provas terrestres.

E voltando-se de modo especial, para mim, aduziu:

– Quantos de nós, os médicos, perdemos lamentavelmente na luta?

Depois de concordar, trazendo à baila o meu próprio caso, objetei:

– Seria, porém, muitíssimo interessante conhecer a experiência de Acelino. Teria sofrido o mesmo acidente de Otávio? Creio de grande aproveitamento penetrar essas lições. No mundo, não compreendia bem o que fossem tarefas espirituais, mas aqui a nossa visão se modifica. Há que cogitar do nosso futuro eterno.

Acelino sorriu e obtemperou:

– Minha história é muito diferente. A queda que experimentei apresenta características diversas e, a meu ver, muito mais graves.

E, atendendo-nos a expectativa, prosseguiu, narrando:

– Também parti de “Nosso Lar”, no século findo, após receber valioso patrimônio instrutivo dos nossos assessores. Segui enriquecido de bênçãos. Uma de nossas beneméritas Ministras da Comunicação presidiu, em pessoa as medidas atinentes à minha nova tarefa. Não faltaram providências para que me felicitassem a saúde do corpo e o equilíbrio da mente. Após formular grandes promessas aos nossos maiores, parti para uma das grandes cidades brasileiras, em serviço de nossa colônia. O casamento estava em meu roteiro de realizações. Ruth, minha devotada companheira, incumbir-se-ia de colaborar comigo para melhor desempenho das tarefas.

Cumprida a primeira parte do programa, aos vinte anos de idade fui chamado à tarefa mediúnica, recebendo enorme amparo dos benfeitores invisíveis. Recordo ainda a sincera satisfação dos companheiros do grupo doutrinário. A vidência, a audição e a psicografia, que o Senhor me concedera, por misericórdia, constituíam decisivos fatores de êxito em nossas atividades. A alegria de todos era inexcedível. Entretanto, apesar das lições maravilhosas de amor evangélico, inclinei-me a transformar minhas faculdades em fonte de renda material. Não me dispus a esperar pelos abundantes recursos que o Senhor me enviaria mais tarde, após meus testemunhos no trabalho, e provoquei, eu mesmo, a solução dos problemas lucrativos. Não era meu serviço igual a outros? Não recebiam os sacerdotes católico-romanos a remuneração de trabalhos espirituais e religiosos? Se todos pagávamos por serviços ao corpo, que razões haveria para fugir ao pagamento por serviços à alma? Amigos, inscientes do caráter sagrado da fé, aprovavam-me as conclusões egoísticas. Admitia-nos que, no fundo, o trabalho essencial era dos desencarnados, mas também havia colaboração minha, pessoal, como intermediário, pelo que devia ser justa a retribuição.

Debalde, movimentaram-se os amigos espirituais aconselhando-me o melhor caminho. Em vão, companheiros encarnados chamavam-me a esclarecimento oportuno. Agarrei-me ao interesse inferior e fixei meu ponto de vista. Ficaria definitivamente por conta dos consulentes. Arbitrei o preço das consultas, com bonificações especiais aos pobres e desvalidos da sorte, e meu consultório encheu-se de gente. Interesse enorme foi despertado entre os que desejavam melhoras físicas e solução de negócios materiais. Grande número de famílias abastadas tomou-me por consultor habitual, para todos os problemas da vida. As lições de espiritualidade superior, a confraternização amiga, o serviço redentor do Evangelho e as preleções dos emissários divinos ficaram a distância. Não mais a escola da virtude, do amor fraternal, da edificação superior, e sim a concorrência comercial, as ligações humanas legais ou criminosas, os caprichos apaixonados, os casos de polícia e todo um cortejo de misérias da Humanidade, em suas experiências menos dignas. Transformara-se completamente a paisagem espiritual que me rodeava. À força de me cercar de pessoas criminosas, por questões de ganho sistemático, as baixas correntes mentais dos inquietos clientes encarceraram-me em sombria cadeia psíquica. Cheguei ao crime de zombar do Evangelho de Nosso Senhor Jesus, esquecido de que os negócios delituosos dos homens de consciência

viciada contam igualmente com entidades perniciosas, que se interessam por eles nos planos invisíveis. E transforme a mediunidade em fonte de palpites materiais e baixos avisos.

Nesse momento, os olhos do narrador cobriram-se de súbita vermelhidão, estampando-se-lhe fundo horror nas pupilas, como se estivesse revivendo atrozes dilacerações.

– Mas a morte chegou, meus amigos, e arrancou-me a fantasia – prosseguiu mais grave – Desde o instante de grande transição, a ronda escura dos consulentes criminosos, que me haviam precedido no túmulo, rodeou-me a reclamar palpites e orientações de natureza inferior. Queriam notícias de cúmplices encarnados, de resultados comerciais, de soluções atinentes a ligações clandestinas.

Gritei, chorei, implorei, mas estava algemado a eles por sinistros elos mentais em virtude da imprevidência na defesa do meu próprio patrimônio espiritual. Durante onze anos consecutivos, expiei a falta, entre eles, entre o remorso e a amargura.

Acelino calou-se, parecendo mais comovido, em vista das lágrimas abundantes. Fundamente sensibilizado, Vicente considerou:

– Que é isso? Não se atormente assim. Você não cometeu assassínios, nem alimentou a intenção deliberada de espalhar o mal. A meu ver, você enganou-se também, como tantos de nós.

Acelino, porém enxugou o pranto e respondeu:

– Não fui homicida nem ladrão vulgar, não mantive o propósito íntimo de ferir ninguém, nem desrespeitei alheios lares, mas indo aos círculos carnavais para servir às criaturas de Deus, nossos irmãos, auxiliando-os no crescimento espiritual com Jesus, apenas fiz viciados da crença religiosa e delinqüentes ocultos, mutilados da fé e aleijados do pensamento. Não tenho desculpas, porque estava esclarecido; não tenho perdão, porque não me faltou assistência divina.

E, depois de longa pausa, concluiu gravemente:

– Podem avaliar a extensão da minha culpa?

7. A vida e obra de Francisco Cândido Xavier

A INFÂNCIA

Nasceu em Pedro Leopoldo, modesta cidade de Minas Gerais, em 02 de abril de 1910, filho de João Cândido Xavier e Maria João de Deus. Seu pai era vendedor de bilhetes de loterias e sua mãe lavadeira.

1ª MANIFESTAÇÃO

Uma noite, seu pai conversava com a mulher, Maria João de Deus, sobre o aborto sofrido por uma vizinha, e desancava a moça. O filho interrompeu o julgamento e, do alto de seus quatro anos, proferiu a sentença:

- O senhor está desinformado sobre o assunto. O que houve foi um problema de nidação inadequada do ovo, de modo que a criação adquiriu posição ectópica.

Naquela casa pobre de Pedro Leopoldo, a frase soava tão fora de propósito quanto a notícia de que, na longínqua Europa, a Alemanha acabava de declarar guerra à Rússia (1ª Guerra Mundial).

João Cândido arregalou os olhos e balbuciou.

- Este não é o nosso menino.

Recém-chegado da missa, na cidade vizinha de Matosinhos, a 12 quilômetros de Pedro Leopoldo, não teve dúvidas:

- Trocaram o garoto na igreja, enquanto estávamos na confissão.

- Encarou o estranho e fez o teste:

- O que é nidação? O que é ectópica?

Chico não sabia. Tinha repetido palavras sopradas por uma voz. O pai estava convencido:

- Até a roupa dele é outra. - Maria João de Deus desvendou parte do mistério. Tinha trocado a camisa de Chico por outra mais quente. João Cândido demorou muito a reconhecer o próprio filho.

Nota: A fecundação natural se dá nas trompas e o ovo (óvulo fecundado) se desloca para o útero para se fixar no endométrio (parede interna do útero). O ato de fixar-se no útero dá-se o nome de nidação. O espaço de tempo entre a fecundação e a nidação é de 7 a 10 dias.

Dias após a fusão, o ovo, com as células ainda em multiplicação, faz sua descida ao útero e começa a procurar um lugar para se fixar. Acontece às vezes de o óvulo fecundado acomodar-se na mucosa da trompa, e não na do útero. São casos patológicos (gravidez ectópica), em geral muito graves, por ameaçarem a vida da mãe.

ORFANDADE

Quando tinha cinco anos de idade sua mãe, Dona Maria João de Deus, veio a falecer. Pouco antes de morrer, ela pediu ao marido que distribuísse os nove filhos pelas casas de amigos e parentes. Só assim

João Cândido, vendedor de bilhetes de loteria, conseguiria viajar pelas cidades vizinhas em busca de dinheiro.

No pé da cama onde a mãe agonizava, atormentada por crises de angina, Chico cobrou:

- Por que a senhora está dando seus filhos para os outros? Não quer mais a gente, é isso?

Maria explicou que iria para o hospital e garantiu com voz firme:

- Se alguém falar que eu morri, é mentira. Não acredite. Vou ficar quieta, dormindo. E voltarei.

Chico acreditou. No dia seguinte, a mãe morreu e João Cândido entregou à Rita de Cássia um menino com idéias estranhas.

Depois do enterro de Maria João de Deus, em 29 de setembro de 1915, o garoto teve que esticar as pernas para acompanhar a madrinha. Na volta do cemitério, ela não encurtou os passos para andar de mãos dadas com o afilhado, como fazia a mãe dele. Ofegante, o menino alcançou Rita, mas o esforço foi um desperdício. Sua mão ficou balançando à procura dos dedos da madrasta.

- Ainda hoje sinto no braço a sensação do vazio, da procura inútil - lamentou Chico, 65 anos depois, já conformado, - Foi minha educadora.

Se a dor ensina, Rita de Cássia foi mesmo uma professora exemplar. Chico Xavier recebeu aulas diárias durante os dois anos em que morou com ela e o marido, o comerciante José Felizardo Sobrinho, sempre ausente.

Chico apanhava e queria rezar. Aos cinco anos, já sabia o pai-nosso de cor. Foi criado em meio a preces.

Na casa da madrinha, as rezas eram raras e as surras, fartas,

Numa delas, Rita se empolgou e enfiou com força demais o garfo na barriga do afilhado.

Foram dois anos terríveis, de freqüentes surras com vara de marmelo. Rita ganhou um motivo a mais para bater no garoto quando ele lhe disse ter conversado com a mãe falecida.

O INÍCIO DA MEDIUNIDADE

Numa das escapadelas de Rita, Chico correu para o quintal e se ajoelhou embaixo de uma moita de bananeiras. Repetia o pai-nosso quando, de repente, viu na sua frente Maria João de Deus. Até que enfim. Ela cumpriu o prometido. Adeus surras e garfos. Chico se agarrou à recém-chegada e pediu socorro.

- Carregue-me com a senhora, não me deixe aqui, eu estou apanhando muito.

A aparição desfez as ilusões do desesperado.

- Tem paciência. Quem não sofre não aprende a lutar. Se você parar de reclamar e tiver paciência, Jesus ajudará para que estejamos sempre juntos.

Em seguida, evaporou. Chico ficou ali, no quintal, sozinho, gritando pela mãe. Daquele dia em diante, apanhou calado, sem chorar, para desespero da madrinha, que adotou um novo grito de guerra:

- Além de louco, é cínico.

Toda vez que suportava as surras em silêncio, com paciência, via sua mãe. A vara de marmelo zunia, Chico engolia o choro e depois se refugiava no quintal para ouvir os conselhos maternos: era preciso sofrer resignado, era fundamental obedecer sempre, porque logo um anjo bom apareceria para ajudá-lo. O menino ficava esperando.

CIDÁLIA REÚNE A FAMÍLIA

As aulas na casa de Rita de Cássia terminaram dois meses depois, quando João Cândido Xavier se casou com Cidália Batista. A primeira medida da mulher foi recolher os nove filhos do primeiro casamento do marido, dispersos pelas casas de parentes e amigos.

Chico chegou por último. Quando apareceu, enfiado num camisolão, foi recebido com curiosidade por Cidália. Ela reparou na barriga inchada do menino e tentou levantar sua roupa para examinar o abdômen. Não conseguiu. Chico, então com sete anos, se desvencilhou, tímido. Havia gente demais em volta.

Cidália o pegou pela mão e o tirou da sala, a passos lentos, no ritmo de Maria João de Deus. A sós, a mulher de João Cândido levantou o camisolão do garoto e levou um susto ao se deparar com a ferida aberta a garfadas.

- Enquanto eu viver, ninguém mais vai pôr as mãos em você. - Diante da promessa, Chico teve certeza: aquele era o tal anjo anunciado pela mãe.

A ESCOLA

Após reunir as crianças, Cidália decidiu colocá-las no colégio. Em janeiro de 1919, Chico já estava matriculado no Grupo Escolar São José.

O PADRE SCARZELLO E O TRABALHO DE CHICO

O menino ajoelhou-se no confessionário e desfiou seu rosário de histórias mirabolantes. Nas missas, pelas manhãs, figuras reluzentes transformavam as hóstias em focos de luz e defuntos conhecidos de Pedro Leopoldo reapareciam com rosas nas mãos.

Contra delírios tão estapafúrdios, só mesmo uma saraivada de rezas, uma série de novenas pelo descanso dos mortos e muito trabalho. Foi o padre Scarzello quem livrou o menino do risco de ser internado como louco. A salvação não veio com as mil ave-marias ou com os pedregulhos equilibrados na cabeça de Chico durante as procissões. Veio com o trabalho.

A Fábrica de Tecidos estava empregando crianças para o turno da noite e o padre aconselhou Chico a se candidatar à vaga. Só assim o pai tiraria aquela idéia da cabeça. Melhor um filho com dinheiro para ajudar em casa do que um maluco hospitalizado.

Com nove anos, Chico começou a trabalhar como tecelão. Entrava às 3:00 da tarde, saía à 1:00 da manhã, dormia até as 6:00, ia para a escola, saía às 11:00, almoçava, dormia uma hora depois do almoço, entrava de novo na fábrica. Nem parecia aquele menino mal-assombrado.

Era só fachada.

Depois do trabalho, corria para o quintal. Ia conversar com Cidália, sempre debruçada sobre a roupa suja no tanque. Nesses encontros, ele costumava enxergar, próximas ao varal, figuras cobertas com mantos coloridos. Perguntava à segunda mãe quem era aquela gente e ficava sem resposta.

Um dia, o garoto arriscou uma tese, baseado na profusão de azuis, vermelhos, verdes e amarelos.

- Acho que eles moram no arco-íris.

Cidália desconversava:

- Sou muito ignorante, mas acredito em você. Só não entendo direito.

MENÇÃO HONROSA

Em 1922, o país comemorava o centenário da Independência. O governo de Minas instituiu vários prêmios de redação para alunos da quarta série primária. Chico estava prestes a começar o texto quando viu um homem a seu lado ditando o que ele deveria escrever. Perguntou ao companheiro de banco se ele estava vendo algo. O colega negou.

Chico pediu licença à professora, Rosária Laranjeira, uma católica fervorosa, aproximou-se do estrado onde ela ficava e lhe contou o que estava acontecendo.

- O que o homem está mandando você escrever

Chico repetiu a frase:

- O Brasil, descoberto por Pedro Álvares Cabral, pode ser comparado ao mais precioso diamante do mundo, que logo passou a ser engastado na coroa portuguesa...

Dona Rosária disse que não era nada oportuno que ele visse pessoas que ninguém via, garantiu que ele deveria estar ouvindo a si mesmo e mandou-o de volta para a carteira. Não importava se o texto fosse ditado ou não por algum homem invisível. O importante era concluí-lo.

Algumas semanas depois, a Secretaria de Educação de Minas divulgou o resultado do concurso, disputado por milhares de estudante. Chico Xavier, de Pedro Leopoldo, recebeu menção honrosa.

A SAÚDE DE CHICO E O TRABALHO

Chico concluiu o primário em 1923, após repetir a quarta série. A repetência não foi provocada por falta de estudo, mas de saúde. O menino enfrentava problemas respiratórios. Seu pulmão sofria com a poeira do algodão na fábrica de tecidos.

No ano seguinte, por recomendação médica, o garoto trocou a tecelagem pelo Bar do Dove, de Claudomiro Rocha. Varria o chão, lavava a louça, cozinhava e continuava mal-assombrado.

O salário do Bar do Dove era miserável e, depois de dois anos de dificuldades, o garoto se mudou para o armazém de José Felizardo Sobrinho, o ex-marido de Rita de Cássia, já morta.

Em 1935, Felizardo não teve dinheiro para pagar os impostos do segundo semestre, o armazém faliu e o ex-caixeiro entrou para o quadro de funcionários da inspetoria como escrevente-datilógrafo. Em vez de servir cachaça, ele escreveria relatórios sobre os bois, cavalos e jumentos puro-sangue criados na fazenda do governo e emprestados, para reprodução, à fazendeiros do estado cadastrados no Ministério da Agricultura. Em pouco tempo, seria um especialista em gado zebu.

PRIMEIRO CONTATO COM A DOCTRINA ESPÍRITA

Em 1927, uma das irmãs de Chico, Maria Xavier, ficou doente, Delirava, arregalava os olhos, se contorcia, suava frio, urrava impropérios. Médico nenhum deu jeito. A situação era tão dramática que João Cândido decidiu passar por cima do padre e apelar para um casal de amigos espíritas. Foi até a Fazenda de Maquiné, em Curvelo, a cem quilômetros de Pedro Leopoldo, e voltou de lá com José Hermínio Perácio e sua mulher Carmem.

Pela manhã, em 07 de maio de 1927, o casal atacou com passes e rezas a doença: um "Espírito obsessor". Chico acompanhou o ritual e participou, assim, de sua primeira experiência no espiritismo. Neste dia, recebeu de José Hermínio Perácio explicações sobre os fantasmas que o cercavam desde menino, foi

apresentado ao Evangelho Segundo o Espiritismo e ao Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, e conheceu uma palavra-chave: mediunidade. O "médium" seria um intérprete dos "espíritos" na terra.

A irmã melhorou e, no dia seguinte, embarcou com José Hermínio e Carmem para a fazenda deles. Precisava de tratamento prolongado. Na mesma semana, Chico voltou à igreja. Mas apenas para se despedir do padre. Mais uma vez, se ajoelhou no confessionário e contou tudo: o tratamento da irmã, sua melhora, a sessão de passes, as idéias de Kardec, sua intenção de se dedicar à mediunidade. Scarzello disse que não conhecia o espiritismo e, por isso, não podia julgar. Sabia apenas que a Igreja rejeitava o espiritismo e que Chico era jovem demais para assumir compromissos e tomar decisões. O rapaz estava irredutível e o padre ficou em silêncio.

Chico não queria deixar o ex-confessor contrariado e pediu a ele sua mão. O padre estendeu a mão direita. Depois de beijá-la, o ex-católico fez mais um pedido. Queria ser abençoado. Scarzello atendeu:

- Seja feliz, meu filho. Rogarei à Mãe Santíssima para que te Abençoe e proteja.

Chico se levantou e saiu. Quando chegou à porta, olhou para trás. O padre o acompanhava com os olhos e sorria. Nunca mais se viram.

Em julho, menos de três meses após a primeira sessão de rezas e passes, a irmã de Chico voltou para casa sã e salva.

FUNDAÇÃO DO PRIMEIRO CENTRO ESPÍRITA DE PEDRO LEOPOLDO - MG

No dia 21 de junho de 1927, Chico já ajudava na fundação do primeiro centro espírita da cidade, num barracão onde morava o irmão dele, José Xavier. O dono da casa assumiu a presidência, Chico ficou como secretário e seu patrão, José Felizardo, virou tesoureiro. Faltava o nome do Centro. Todos pensaram, pensaram e decidiram: Luiz Gonzaga. Uma homenagem ao aviador Charles Lindberg, que tinha atravessado o oceano Atlântico, sem escalas, a bordo do seu avião, o Spirit of St. Louis.

Ninguém ali sabia, mas o piloto quis homenagear, com o nome da aeronave, o rei da França e não são Luiz Gonzaga. De qualquer forma, o batismo do Centro não foi tão despropositado assim. O monarca francês tinha protegido Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita, no século passado e, portanto, merecia algum respeito.

No final do ano, em 29 de outubro de 1928, o Centro Espírita Luiz Gonzaga mudou de endereço: saiu do barracão de José Xavier para uma sala alugada na casa de José Felizardo Sobrinho. Ganhou até um novo estatuto. Quem assinou a "ata de instalação" foi o secretário Francisco Xavier.

A MISSÃO

Na noite do dia 08 de julho, todos se reuniram para agradecer a cura da irmã de Chico. Carmem Perácio, que acompanhou Maria Xavier até Pedro Leopoldo, participou da sessão e ouviu uma voz aconselhando Chico a tomar o lápis.

Ele obedeceu e, de repente, se sentiu fora de seu corpo. As paredes desapareceram, o telhado se desfez e, no lugar do teto, ele viu estrelas. Olhando em volta, notou uma assembléia de "entidades" que o fitavam. Para ele, eram os habitantes do arco-íris. Naquela noite, Chico preencheu 17 páginas. Sem rasuras, sem borracha, em velocidade. Quem assinou foi um "amigo espiritual". Quando o rapaz pôs o ponto final, tinha as pernas trêmulas e o coração acelerado.

Dois dias depois, Carmem e o marido convidaram Chico a passar uns dias na fazenda. Eles rezavam quando Carmem, mais uma vez, ouviu uma voz suave. Era um tal de Emmanuel, "amigo espiritual" de Chico. Depois do som, veio a imagem. Um jovem imponente, com vestes sacerdotais e aura brilhante.

- Irmã, fale ao Chico para ele tomar papel e lápis.

Chico Xavier não viu nem ouviu nada. Buscaram o material, ele segurou o lápis e as frases começaram a se espalhar pelas páginas. No texto, referências ao tratamento da irmã, detalhes sobre a vida dos irmãos e um recado pessoal: "Eis que nos achamos juntos novamente. Os livros à nossa frente [O Evangelho Segundo o Espiritismo e O livro dos Espíritos] são dois tesouros de luz. Estude-os, cumpra seus deveres e, em breve, a bondade divina nos permitirá mostrar a você seus novos caminhos" A assinatura não era de Emmanuel, mas de Maria João de Deus.

Após três meses da inauguração da nova sede, em 18 de janeiro de 1929, uma Sexta-feira, Carmem Perácio viu cair do teto, após a sessão evangélica, uma chuva de livros sobre a cabeça de Chico. Contou a visão ao rapaz e ele tratou de dispensar o presente dos céus.

- Não mereço que os espíritos me tragam lírios.

Não entendeu direito. Mais uma vez, não viu nem ouviu nada.

O PRIMEIRO ENCONTRO ENTRE CHICO E EMMANUEL

O ano de 1931 foi movimentado para Chico. É triste. Cidália morreu em março.

Chico se sentia sozinho apesar das visitas esporádicas da mãe e das sessões no Centro Luiz Gonzaga. Para escapar do coro dos céticos, ele tomava o rumo do açude. Aquele era seu refúgio. Ali, ele escolhia a sombra de uma árvore, na beira da represa, encarava o céu e rezava ao som das águas. Em 1931, o bucolismo da cena deu lugar ao fantástico.

O rapaz teve sua conversa com Deus interrompida pela visita de uma cruz luminosa. Franziu os olhos e percebeu, entre os raios, a poucos metros, a figura de um senhor imponente, vestido com túnica típica de sacerdotes. O recém-chegado foi direto ao assunto.

- Está mesmo disposto a trabalhar na mediunidade?

- Sim, se os bons espíritos não me abandonarem.

- Você não será desamparado, mas para isso é preciso que trabalhe, estude e se esforce no bem.

- O senhor acha que estou em condições de aceitar o compromisso?

- Perfeitamente, desde que respeite os três pontos básicos para o serviço.

Diante do silêncio do desconhecido, Chico perguntou:

- Qual o primeiro ponto?

A resposta veio seca:

- Disciplina.

- E o segundo?

- Disciplina.

- E o terceiro?

Disciplina é claro.

Chico Xavier concordou. E o estranho aproveitou a deixa:

- Temos algo a realizar. Trinta livros para começar.

O rapaz levou um susto. Como iria comprar tinta e papel? Quem pagaria a publicação de tantos títulos? O salário de caixeiro no armazém de Felizardo mal dava para as despesas de casa, os 13 mil réis mensais eram gastos com 14 irmãos, seu pai era apenas um vendedor de bilhetes de loteria.

Poucos meses após o encontro no açude, chegou às livrarias o primeiro título da série inicial de trinta: Parnaso de além-túmulo. Um escândalo.

Parnaso de além-túmulo era quase um sacrilégio. Arrancava da sepultura poetas tão célebres quanto mortos: Augusto dos Anjos, enterrado em 1914, aos trinta anos; Casimiro de Abreu, morto de tuberculose em 1860, aos 21 anos.

A coletânea de 59 poemas assinados por 14 defuntos ilustres chegou às livrarias em 1932.

Nas noites de segunda e sexta-feira, ele colocava o Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, embaixo do braço e ia para o Centro Luiz Gonzaga. Seguia à risca uma instrução ditada por Emmanuel: fidelidade irrestrita a Jesus Cristo e a Kardec, o codificador da doutrina espírita. O guia do outro mundo levava tão a sério este mandamento que um dia chegou a determinar a Chico:

- Se alguma vez eu lhe der algum conselho que não esteja de acordo com Jesus e Kardec, fique do lado deles e procure me esquecer.

CHICO EM UBERABA

Em 18 de dezembro de 1958, pelo ato 1614 do Ministério da Agricultura, Chico é designado para trabalhar em Uberaba/MG. No dia 04 de janeiro de 1959 ele muda-se para Uberaba.

No dia 18 de abril de 1959, Chico e Waldo Vieira inauguraram, ao lado da casa deles, a Comunhão Espírita Cristã. Nenhum deles assumiu a presidência do centro. A programação do novo centro era intensa: reuniões públicas às segundas, sextas e sábados, sessões de desobsessão privadas, às quartas-feiras, sopas para os pobres todas as tardes, peregrinações pelos bairros da periferia aos sábados, além de cursos sobre evangelho.

Na varanda da casa eram servidas as refeições aos pobres, cerca de duzentas pessoas todos os dias.

DIREITOS AUTORAIS

Fiel ao princípio Crístico do "dai de graça o que de graça recebestes", jamais usufruiu dos direitos autorais provenientes de seu extraordinário dom mediúnico, sempre, ao contrário, repassando-os, em cartório, às editoras de divulgação espírita e inúmeras obras assistenciais.

PELA SUA OBRA ASSISTENCIAL FOI INDICADO AO PRÊMIO NOBEL DA PAZ

Em 1981, o deputado Freitas Nobre entregou 110 quilos de documentação ao Instituto Nobel, na Suécia, que justificavam a indicação de Chico Xavier ao Prêmio Nobel da Paz. Os papéis faziam um resumo da trajetória do médium: 64 obras assistenciais ajudadas por ele serviam como amostragem das quase duas mil entidades que giravam em torno da renda gerada por suas campanhas beneficentes e por seus 183 títulos (traduzidos em 10 línguas) publicados até então.

Chico Xavier não foi apenas um médium excepcional; acima de tudo, foi um apóstolo da Caridade, semeando bênção de Amor e Paz por onde passou.

Foram muitas as penitenciárias, leprosários e os hospitais que já visitou, distribuindo consolo e alegria.

SUA OBRA

Ordem	-	Título	-	Editora	-	Autor Espiritual	-	Ano
001	-	Parnaso de Além Túmulo	-	FEB	-	Espíritos Diversos	-	1932
002	-	Cartas de uma Morta	-	LAKE	-	Maria João de Deus	-	1932
003	-	Palavras do Infinito	-	LAKE	-	Espíritos Diversos	-	1936
004	-	Crônicas de Além-Túmulo	-	FEB	-	Humberto de Campos	-	1936
005	-	Emmanuel	-	FEB	-	Emmanuel	-	1938
006	-	Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho	-	FEB	-	Humberto de Campos	-	1938
007	-	Lira Imortal	-	LAKE	-	Espíritos Diversos	-	1938
008	-	A Caminho da Luz	-	FEB	-	Emmanuel	-	1938
009	-	Novas Mensagens	-	FEB	-	Humberto de Campos	-	1938
010	-	Há Dois Mil Anos	-	FEB	-	Emmanuel	-	1939
011	-	50 Anos Depois	-	FEB	-	Emmanuel	-	1940
012	-	Cartas do Evangelho	-	LAKE	-	Casimiro Cunha	-	1941
013	-	O Consolador	-	FEB	-	Emmanuel	-	1941
014	-	Boa Nova	-	FEB	-	Humberto de Campos	-	1941
015	-	Paulo e Estevão	-	FEB	-	Emmanuel	-	1942
016	-	Renúncia	-	FEB	-	Emmanuel	-	1942
017	-	Reportagens de Além - Túmulo	-	FEB	-	Humberto de Campos	-	1943
018	-	Cartilha da Natureza	-	FEB	-	Casimiro Cunha	-	1944
019	-	Nosso Lar	-	FEB	-	André Luiz	-	1944
020	-	Os Mensageiros	-	FEB	-	André Luiz	-	1944
021	-	Missionários da Luz	-	FEB	-	André Luiz	-	1945
022	-	Coletânea do Além	-	FEESP	-	Espíritos Diversos	-	1945
023	-	Lázaro Redivivo	-	FEB	-	Irmão X	-	1945
024	-	Obreiros da Vida Eterna	-	FEB	-	André Luiz	-	1946
025	-	O Caminho Oculto	-	FEB	-	Veneranda	-	1947
026	-	Os Filhos do Grande Rei	-	FEB	-	Veneranda	-	1947
027	-	Mensagem do Pequeno Morto	-	FEB	-	Neio Lúcio	-	1947
028	-	História de Maricota	-	FEB	-	Casimiro Cunha	-	1947
029	-	Jardim da Infância	-	FEB	-	João de Deus	-	1947
030	-	Volta Bocage	-	FEB	-	Manuel M. B. Du Bocage	-	1947
031	-	No Mundo Maior	-	FEB	-	André Luiz	-	1948
032	-	Agenda Cristã	-	FEB	-	André Luiz	-	1948
033	-	Luz Acima	-	FEB	-	Irmão X	-	1948
034	-	Voltei	-	FEB	-	Irmão Jacob	-	1949

-
- 035 - Alvorada Cristã - FEB - Neio Lúcio -1948
 - 036 - Caminho, Verdade e Vida - FEB - Emmanuel - 1949
 - 037 - Libertação - FEB - André Luiz - 1949
 - 038 - Jesus no Lar - FEB - Neio Lúcio - 1950
 - 039 - Pão Nosso - FEB - Emmanuel -1950
 - 040 - Nosso Livro - LAKE - Espíritos Diversos - 1950
 - 041 - Pontos e Contos - FEB - Irmão X - 1951
 - 042 - Falando à Terra - FEB - Espíritos Diversos -1951
 - 043 - Páginas do Coração - LAKE - Irmã Candoca -1951
 - 044 - Vinha de Luz - FEB - Emmanuel -1952
 - 045 - Pérolas do Além - FEB - Emmanuel -1952
 - 046 - Roteiro - FEB - Emmanuel -1952
 - 047 - Pai Nosso - FEB - Meimei -1952
 - 048 - Cartas do Coração - LAKE - Espíritos Diversos -1952
 - 049 - Gotas de Luz - FEB - Casimiro Cunha -1953
 - 050 - Ave Cristo! - FEB - Emmanuel - 1953
 - 051 - Entre a Terra e o Céu - FEB - André Luiz -1954
 - 052 - Palavras de Emmanuel - FEB - Emmanuel -1954
 - 053 - Nos Domínios da Mediunidade - FEB - André Luiz -1955
 - 054 - Instruções Psicofônicas - FEB - Espíritos Diversos -1956
 - 055 - Ponte Viva - FEB - Emmanuel -1956
 - 056 - Ação e Reação - FEB - André Luiz - 1957
 - 057 - Vozes do Grande Além - FEB - Espíritos Diversos -1957
 - 058 - Contos e Apólogos - FEB - Irmão X - 1958
 - 059 - Pensamento e Vida - FEB - Emmanuel - 1958
 - 060 - Evolução em Dois Mundos - FEB - André Luiz - 1959
 - 061 - Mecanismos da Mediunidade - FEB - André Luiz -1960
 - 062 - Evangelho em Casa - FEB - Meimei -1960
 - 063 - Religião dos Espíritos - FEB - Emmanuel -1960
 - 064 - A Vida Escreve - FEB - Hilário Silva -1960
 - 065 - Almas em Desfile - FEB - Hilário Silva -1961
 - 066 - Seara dos Médiuns - FEB - Emmanuel -1961
 - 067 - Juca Lambisca - FEB - Casimiro Cunha -1961
 - 068 - O Espírito da Verdade - FEB - Espíritos Diversos -1962
 - 069 - Justiça Divina - FEB - Emmanuel - 1962
 - 070 - Cartilha do Bem - FEB - Meimei -1962
 - 071 - Relicário de Luz - FEB - Espíritos Diversos -1962
 - 072 - Timbolão - FEB - Casimiro Cunha -1962

- 073 - Antologia dos Imortais - FEB - Espíritos Diversos -1963
- 074 - Ideal Espírita - CEC - Espíritos Diversos - 1963
- 075 - Leis de Amor - FEESP - Emmanuel -1963
- 076 - Opinião Espírita - CEC - Emmanuel/André Luiz -1963
- 077 - Sexo e Destino - FEB - André Luiz -1963
- 078 - Desobsessão - FEB - André Luiz -1964
- 079 - Contos Desta e Doutra Vida - FEB - Irmão X -1964
- 080 - Livro da Esperança - CEC - Emmanuel -1964
- 081 - Dicionário da Alma - FEB - Espíritos Diversos -1964
- 082 - Trovadores do Além - FEB - Espíritos Diversos -1965
- 083 - Palavras de Vida Eterna - CEC - Emmanuel -1964
- 084 - Estude e Viva - FEB - Emmanuel/André Luiz -1965
- 085 - O Espírito de Cornélio Pires - FEB - Cornélio Pires -1965
- 086 - Entre Irmãos de Outras Terras - FEB - Espíritos Diversos -1966
- 087 - Cartas e Crônicas - FEB - Irmão X -1966
- 088 - Antologia Mediúnica do Natal - FEB - Espíritos Diversos -1967
- 089 - Caminho Espírita - CEC - Espíritos Diversos -1967
- 090 - Encontro Marcado - FEB - Emmanuel -1967
- 091 - No Portal da Luz - CEC - Emmanuel -1967
- 092 - Trovas do Outro Mundo - FEB - Espíritos Diversos -1968
- 093 - E a Vida Continua - FEB - André Luiz - 1968
- 094 - Luz no Lar - FEB - Espíritos Diversos -1968
- 095 - À Luz da Oração - CLARIM - Espíritos Diversos -1969
- 096 - Orvalho de Luz - CEC - Espíritos Diversos -1969
- 097 - Passos da Vida - CEC - Espíritos Diversos -1969
- 098 - Estante da Vida - FEB - Irmão X -1969
- 099 - Alma e Coração - PENS - Emmanuel -1969
- 100 - Poetas Redivivos - FEB - Espíritos Diversos -1969
- 101 - Idéias e Ilustrações - FEB - Espíritos Diversos -1970
- 102 - Paz e Renovação - CEC - Espíritos Diversos -1970
- 103 - Vida e Sexo - FEB - Emmanuel - 1970
- 104 - Mais Luz - GEEM - Batuira -1970
- 105 - Correio Fraternal - FEB - Espíritos Diversos -1970
- 106 - Trovas do Mais Além - CEC - Espíritos Diversos -1971
- 107 - Bênção de Paz - GEEM - Emmanuel -1971
- 108 - Mãe - CLARIM - Espíritos Diversos - 1971
- 109 - Antologia da Espiritualidade - FEB - Maria Dolores -1971
- 110 - Rumo Certo - FEB - Emmanuel -1971

-
- 111 - Pinga Fogo (Primeira Entrevista) - EDICEL - Espíritos Diversos - 1971
 - 112 - Coragem - CEC - Espíritos Diversos -1971
 - 113 - Sinal Verde - CEC - André Luiz -1971
 - 114 - Entrevistas - IDE - Emmanuel -1971
 - 115 - Dos Hippies aos Problemas do Mundo - FEESP - Espíritos Diversos - 1972
 - 116 - Através do Tempo - LAKE - Espíritos Diversos -1972
 - 117 - Mãos Unidas - IDE - Emmanuel -1972
 - 118 - Taça de Luz - FEESP - Espíritos Diversos -1972
 - 119 - Chico Xavier Pede Licença - GEEM - Espíritos Diversos -1972
 - 120 - Mãos Marcadas - IDE - Espíritos Diversos -1972
 - 121 - Natal de Sabina - GEEM - Francisca Clotilde -1972
 - 122 - Escrínio de Luz - CLARIM - Emmanuel -1973
 - 123 - Segue-Me - CLARIM - Emmanuel -1973
 - 124 - Encontro de Paz - CEC - Espíritos Diversos -1973
 - 125 - Na Era do Espírito - GEEM - Espíritos Diversos -1973
 - 126 - Rosas com Amor - IDE - Espíritos Diversos - 1973
 - 127 - Bezerra, Chico e Você - GEEM - Bezerra de Menezes - 1973
 - 128 - Astronautas do Além - GEEM - Espíritos Diversos - 1974
 - 129 - Entre Duas Vidas - CEC - Espíritos Diversos -1974
 - 130 - Retratos da Vida - CEC - Cornélio Pires -1974
 - 131 - Diálogos dos Vivos - GEEM - Espíritos Diversos - 1974
 - 132 - Calendário Espírita - FEESP - Espíritos Diversos -1974
 - 133 - Instrumentos do Tempo - GEEM - Emmanuel -1974
 - 134 - Respostas da Vida - IDEAL - André Luiz -1975
 - 135 - Jovens no Além - GEEM - Espíritos Diversos -1975
 - 136 - Conversa Firme - CEC - Cornélio Pires -1975
 - 137 - A Terra e o Semeador - IDE - Emmanuel - 1975
 - 138 - Chão de Flores - IDEAL - Espíritos Diversos - 1975
 - 139 - Caminhos de Volta - GEEM - Espíritos Diversos -1975
 - 140 - O Esperanto Como Revelação - IDE - Francisco V. Lorenz - 1976
 - 141 - Busca e Acharás - IDEAL - Emmanuel/André Luiz -1976
 - 142 - Amanhece - GEEM - Espíritos Diversos -1976
 - 143 - Recanto de Paz - FMG - Espíritos Diversos -1976
 - 144 - Deus Sempre - IDEAL - Emmanuel -1976
 - 145 - Somos Seis - GEEM - Espíritos Diversos -1976
 - 146 - Tintino... O Espetáculo Continua - GEEM - Francisca Clotilde -1976
 - 147 - Auta de Souza - IDE - Auta de Souza -1976
 - 148 - Crianças no Além - GEEM - Marcos - 1977

- 149 - Baú de Casos - IDEAL - Cornélio Pires - 1977
- 150 - Amizade - IDEAL - Meimei - 1977
- 151 - Companheiro - IDE - Emmanuel - 1977
- 152 - Maria Dolores - IDEAL - Maria Dolores - 1977
- 153 - Momentos de Ouro - GEEM - Espíritos Diversos - 1977
- 154 - Amor e Luz - IDEAL - Emmanuel/Esp. Diversos - 1977
- 155 - Coisas Deste Mundo - CLARIM - Cornélio Pires - 1977
- 156 - Chico Xavier em Goiânia - GEEM - Emmanuel - 1977
- 157 - Luz Bendita - IDEAL - Emmanuel/Esp. Diversos - 1977
- 158 - Amor Sem Adeus - IDE - Walter Perrone - 1978
- 159 - Recados do Além - IDEAL - Emmanuel - 1978
- 160 - Enxugando Lágrimas - IDE - Espíritos Diversos - 1978
- 161 - Coração e Vida - IDEAL - Maria Dolores - 1978
- 162 - Caridade - IDE - Espíritos Diversos - 1978
- 163 - Assim Vencerás - IDEAL - Emmanuel - 1978
- 164 - Falou e Disse - GEEM - Augusto Cezar Netto - 1978
- 165 - Somente Amor - IDEAL - Maria Dolores/Meimei - 1978
- 166 - Inspiração - GEEM - Emmanuel - 1979
- 167 - Tempo de Luz - FMG - Espíritos Diversos - 1979
- 168 - Encontros no Tempo - IDE - Espíritos Diversos - 1979
- 169 - Marcas do Caminho - IDEAL - Espíritos Diversos - 1979
- 170 - Janela Para a Vida - FERGS - Espíritos Diversos - 1979
- 171 - Amigo - CEU - Emmanuel - 1979
- 172 - Calma - GEEM - Emmanuel - 1979
- 173 - Claramente Vivos - IDE - Espíritos Diversos - 1979
- 174 - Antologia da Criança - IDEAL - Espíritos Diversos - 1979
- 175 - Ceifa de Luz - FEB - Emmanuel - 1979
- 176 - Sinais de Rumo - GEEM - Espíritos Diversos - 1980
- 177 - Vida em Vida - IDEAL - Espíritos Diversos - 1980
- 178 - Gaveta de Esperança - IDE - Laurinho - 1980
- 179 - Algo Mais - IDEAL - Emmanuel - 1980
- 180 - Livro de Respostas - CEU - Emmanuel - 1980
- 181 - Urgência - GEEM - Emmanuel - 1980
- 182 - Irmã Vera Cruz - IDE - Vera Cruz - 1980
- 183 - A Vida Conta - CEU - Maria Dolores - 1980
- 184 - Momentos de Paz - IDEAL - Emmanuel - 1980
- 185 - Pronto Socorro - CEU - Emmanuel - 1980
- 186 - Deus Aguarda - GEEM - Meimei - 1980

- 187 - Irmão – IDEAL - Emmanuel - 1980
- 188 - Notícias do Além - IDE - Espíritos Diversos - 1980
- 189 - Vida no Além - GEEM - Espíritos Diversos - 1980
- 190 - Feliz Regresso - IDEAL - Espíritos Diversos - 1981
- 191 - Caminhos - CEU - Emmanuel - 1981
- 192 - Aulas da Vida - IDEAL - Espíritos Diversos - 1981
- 193 - Augusto Vive - GEEM - Augusto Cezar Netto - 1981
- 194 - Viajores da Luz - GEEM - Espíritos - Diversos - 1981
- 195 - Eles Voltaram - IDE - Espíritos Diversos - 1981
- 196 - Rumos da Vida - CEU -Espíritos Diversos - 1981
- 197 - Família - CEU - Espíritos Diversos - 1981
- 198 - Intervalos - CLARIM - Emmanuel - 1981
- 199 - Atenção - IDE - Emmanuel - 1981
- 200 - Linha Duzentos - CEU - Emmanuel - 1981
- 201 - Paz e Alegria - GEEM - Espíritos Diversos - 1981
- 202 - Vivendo Sempre - IDEAL - Espíritos Diversos - 1981
- 203 - Seara de Fé - IDE - Espíritos Diversos - 1982
- 204 - Nascer e Renascer - GEEM - Emmanuel - 1982
- 205 - Quem São - IDE - Espíritos Diversos - 1982
- 206 - Mais Vida - CEU - Espíritos Diversos - 1982
- 207 - Reencontros - IDE - Espíritos Diversos - 1982
- 208 - Filhos Voltando - GEEM - Espíritos Diversos - 1982
- 209 - Sentinelas da Alma - IDEAL - Meimei - 1982
- 210 - Palavras do Coração - CEU - Meimei - 1982
- 211 - Adeus Solidão - GEEM - Espíritos Diversos - 1982
- 212 - Praça da Amizade - CEU - Espíritos Diversos - 1982
- 213 - Gabriel - IDE - Gabriel - 1982
- 214 - Entes Queridos - GEEM - Espíritos Diversos - 1982
- 215 - Lealdade - IDE - Maurício G. Henrique - 1982
- 216 - Seguindo Juntos - GEEM - Espíritos Diversos - 1982
- 217 - Endereços da Paz - CEU - André Luiz - 1982
- 218 - Material de Construção - IDEAL - Emmanuel - 1983
- 219 - Presença de Laurinho - IDE - Laurinho - 1983
- 220 - Estamos no Além - IDE - Espíritos Diversos - 1983
- 221 - Venceram - GEEM - Espíritos Diversos - 1983
- 222 - Ninguém Morre - IDE - Espíritos Diversos - 1983
- 223 - Paciência - CEU - Emmanuel - 1983
- 224 - Diário de Bênçãos - IDEAL - Cristiane - 1983

- 225 - Antenas de Luz - IDE - Laurinho - 1983
- 226 - Recados da Vida - GEEM - Espíritos Diversos - 1983
- 227 - Mensagens que Confortam - Ricardo Tadeu - 1983
- 228 - Mais Perto - GEEM - Emmanuel - 1983
- 229 - Caminhos do Amor - CEU - Maria Dolores - 1983
- 230 - Correio do Além - CEU - Espíritos Diversos - 1983
- 231 - Os Dois Maiores Amores - GEEM - Espíritos Diversos - 1983
- 232 - Vida Nossa Vida - GEEM - Espíritos Diversos - 1983
- 233 - Paz - CEU - Emmanuel - 1983
- 234 - Entender Conversando - IDE - Emmanuel - 1984
- 235 - Tempo e Amor - IDE - Espíritos Diversos - 1984
- 236 - Quando se Pretende Falar da Vida - GEEM - Roberto Muszkat - 1984
- 237 - Humorismo no Além - IDEAL - Espíritos Diversos - 1984
- 238 - Tocando o Barco - IDEAL - Emmanuel - 1984
- 239 - Convivência - CEU - Emmanuel - 1984
- 240 - Sorrir e Pensar - IDE - Espíritos Diversos - 1984
- 241 - Confia e Segue - GEEM - Emmanuel - 1984
- 242 - Alma e Vida - CEU - Maria Dolores - 1984
- 243 - Retornaram Contando - IDE - Espíritos Diversos - 1984
- 244 - Presença de Luz - GEEM - Augusto Cezar Netto - 1984
- 245 - Agora é o Tempo - IDEAL - Emmanuel - 1984
- 246 - Horas de Luz - IDE - Espíritos Diversos - 1984
- 247 - Hoje - CEU - Emmanuel - 1984
- 248 - Fé - IDEAL - Espíritos Diversos - 1984
- 249 - Bastão de Arrimo - UEM - Willian - 1984
- 250 - Novamente em Casa - GEEM - Espíritos Diversos - 1984
- 251 - Viajor - IDE - Emmanuel - 1985
- 252 - Loja de Alegria - GEEM - Jair Presente - 1985
- 253 - Esperança e Vida - IDEAL - Espíritos Diversos - 1985
- 254 - Espera Servindo - GEEM - Emmanuel - 1985
- 255 - Neste Instante - GEEM - Emmanuel - 1985
- 256 - Educandário de Luz - IDEAL - Espíritos Diversos - 1985
- 257 - Tão Fácil - CEU - Espíritos Diversos - 1985
- 258 - Amor e Saudade - IDEAL - Espíritos Diversos - 1985
- 259 - Caravana de Amor - IDE - Espíritos Diversos - 1985
- 260 - Jóia - CEU - Emmanuel - 1985
- 261 - Bazar da Vida - GEEM - Jair Presente - 1985
- 262 - Monte Acima - GEEM - Emmanuel - 1985

-
- 263 - Viajaram Mais Cedro - GEEM - Espíritos Diversos - 1985
264 - Juntos Venceremos - IDEAL - Espíritos Diversos - 1985
265 - Nós - CEU - Emmanuel - 1985
266 - Festa de Paz - GEEM - Espíritos Diversos - 1986
267 - Dinheiro - IDE - Emmanuel - 1986
268 - Mediunidade e Sintonia - CEU - Emmanuel - 1986
269 - Luz e Vida - GEEM - Emmanuel - 1986
270 - Agência de Notícias - GEEM - Jair Presente - 1986
271 - Crer e Agir - IDEAL - Emmanuel/Irmão José - 1986
272 - Abrigo - IDE - Emmanuel - 1986
273 - O Essencial - CEU - Emmanuel - 1986
274 - Apelos Cristãos - UEM - Bezerra de Menezes - 1986
275 - Reconforto - GEEM - Emmanuel - 1986
276 - Ponto de Encontro - GEEM - Jair Presente - 1986
277 - Apostilas da Vida - IDE - André Luiz - 1986
278 - Canais da Vida - CEU - Emmanuel - 1986
279 - Jesus em Nós - GEEM - Emmanuel - 1987
280 - Estrelas no Chão - GEEM - Espíritos Diversos - 1987
281 - Vozes da Outra Margem - IDE - Espíritos Diversos - 1987
282 - Estradas e Destinos - CEU - Espíritos Diversos - 1987
283 - Visão Nova - IDE - Espíritos Diversos - 1987
284 - Resgate e Amor - GEEM - Tiaminho - 1987
285 - Vitória - IDE - Espíritos Diversos - 1987
286 - Sementes de Luz - IDEAL - Espíritos Diversos - 1987
287 - Intercâmbio do Bem - GEEM - Espíritos Diversos - 1987
288 - Tende Bom Ânimo - IDEAL - Espíritos Diversos - 1987
289 - Doutrina e Vida - CEU - Espíritos Diversos - 1987
290 - Esperança e Alegria - CEU - Espíritos Diversos - 1987
291 - Fonte de Paz - IDE - Espíritos Diversos - 1987
292 - Trevo de Idéias - GEEM - Emmanuel - 1987
293 - Hora Certa - GEEM - Emmanuel - 1987
294 - Ação e Caminho - IDEAL - Emmanuel/André Luiz - 1987
295 - Palavras de Coragem - IDEAL - Espíritos Diversos - 1987
296 - Temas da Vida - CEU - Espíritos Diversos - 1987
297 - Brilhe Vossa Luz - IDE - Espíritos Diversos - 1987
298 - Escultores de Almas - CEU - Espíritos Diversos - 1987
299 - Plantão da Paz - GEEM - Emmanuel - 1988
300 - Vida Além da Vida - CEU - Lineu de Paula Leão Júnior - 1988

-
- 301 - Lar-Oficina, Esperança e Trabalho -IDEAL - Espíritos Diversos - 1988
302 - Cura - GEEM - Espíritos Diversos - 1988
303 - Palco Iluminado - GEEM - Jair Presente - 1988
304 - Comandos do Amor - IDE - Espíritos Diversos - 1988
305 - Roseiral de Luz - UEM - Espíritos Diversos - 1988
306 - Relatos da Vida - CEU - Irmão X - 1988
307 - Alvorada do Reino - IDEAL - Emmanuel - 1988
308 - Páginas de Fé - IDEAL - Espíritos Diversos - 1988
309 - Gratidão e Paz - IDE - Espíritos Diversos - 1988
310 - Assembléia de Luz - GEEM - Espíritos Diversos - 1988
311 - Corações Renovados - IDEAL - Espíritos Diversos - 1988
312 - Construção do Amor - CEU - Emmanuel - 1988
313 - Irmãos Unidos - GEEM - Espíritos Diversos - 1988
314 - Escola no Além - IDEAL - Cláudia P. Galasse - 1988
315 - Indulgência - IDE - Emmanuel - 1989
316 - Fotos da Vida - GEEM - Augusto Cezar Netto - 1989
317 - Confia e Serve - IDE-F.C. Xavier/C.A.Baccelli - 1989
318 - Aceitação e Vida - UEM - Margarida Soares - 1989
319 - Doutrina e Aplicação - CEU - Espíritos Diversos - 1989
320 - Servidores no Além - IDE - Espíritos Diversos -1989
321 - Refúgio - IDEAL - Emmanuel - 1989
322 - Histórias e Anotações - CEU - Irmão X - 1989
323 - Fé, Paz e Amor - GEEM - Emmanuel - 1989
324 - Semeador em Tempos Novos - GEEM - Emmanuel - 1989
325 - Rapidinho - GEEM - Jair Presente - 1989
326 - Porto de Alegria - IDE - Espíritos Diversos - 1990
327 - Sentinelas da Luz - CEU - Espíritos Diversos - 1990
328 - Perante Jesus - IDEAL - Emmanuel - 1990
329 - Pétalas da Primavera - UEM - Espíritos Diversos - 1990
330 - Doutrina de Luz - GEEM - Emmanuel - 1990
331 - A Semente de Mostarda - GEEM - Emmanuel - 1990
332 - Trilha de Luz - IDE - Espíritos Diversos - 1990
333 - Alma e Luz - IDE - Emmanuel - 1990
334 - Excursão de Paz - CEU - Espíritos Diversos - 1990
335 - Harmonização - GEEM - Emmanuel - 1990
336 - Vereda de Luz - GEEM - Espíritos Diversos - 1990
337 - Moradias de Luz - CEU - Espíritos Diversos - 1990
338 - Ante o Futuro - IDEAL - Espíritos Diversos - 1990

-
- 339 - Continuidade - IDEAL - Espíritos Diversos - 1990
340 - Dádivas de Amor - IDEAL - Maria Dolores - 1990
341 - A Verdade Responde - IDEAL - Emmanuel/André Luiz - 1990
342 - Fulgor no Entardecer - UEM - Espíritos Diversos -1991
343 - Ação, Vida e Luz - CEU - Espíritos Diversos - 1991
344 - Assuntos da Vida e da Morte - GEEM - Espíritos Diversos - 1991
345 - Carmelo, Ele Mesmo - GEEM - Carmelo Grisi - 1991
346 - Novo Mundo - IDEAL - F. C. X. /Entrevistas - 1992
347 - Luz no Caminho - CEU - Emmanuel - 1992
348 - Pérolas de Luz - CEU - Emmanuel - 1992
349 - Levantar e Seguir - GEEM - Emmanuel -1992
350 - Centelhas - IDE - Emmanuel - 1992
351 - Estamos Vivos - IDE - F. C. X. /Barbosa/Diversos - 1993
352 - Tesouro de Alegria - IDE - Espíritos Diversos - 1993
353 - Semente - IDE - Emmanuel - 1993
354 - Mentores e Seareiros - IDEAL - Espíritos Diversos - 1993
355 - Revelação - GEEM - Jair Presente - 1993
356 - O Ligeirinho - GEEM - Emmanuel - 1993
357 - Bênçãos e Amor - CEU - Espíritos Diversos - 1993
358 - Tempo e Nós - IDEAL - Emmanuel/André Luiz - 1993
359 - Compaixão -IDE - Emmanuel - 1993
360 - Gotas de Paz - CEU - Emmanuel - 1993
361 - Migalha -UEM - Emmanuel - 1993
362 - A Volta - IDE - Espíritos Diversos - 1993
363 - As Palavras Cantam - CEU - Carlos Augusto - 1993
364 - Esperança e Luz - CEU - Espíritos Diversos - 1993
365 - Preto de Amor - GEEM - Espíritos Diversos - 1993
366 - Bênção Sempre - GEEM - Espíritos Diversos - 1993
367 - Pássaros Humanos - GEEM - Espíritos Diversos - 1994
368 - Viveremos Sempre - IDEAL - Espíritos Diversos - 1994
369 - Dádivas Espirituais - IDE - Espíritos Diversos - 1994
370 - União em Jesus - CEU - Espíritos Diversos - 1994
371 - Momento - CEU - Emmanuel - 1994
372 - Vida e Caminho - GEEM - Espíritos Diversos - 1994
373 - Antologia da Paz - GEEM - Espíritos Diversos - 1994
374 - Pingo de Luz – IDEAL - Carlos Augusto - 1995
375 - Renascimento Espiritual - IDEAL - Espíritos Diversos - 1995
376 - Antologia da Caridade - IDEAL - Espíritos Diversos - 1995

- 377 - Notas do Mais Além - IDE - Espíritos Diversos - 1995
- 378 - Indicações do Caminho - GEEM - Carlos Augusto - 1995
- 379 - Recados da Vida Maior - GEEM - Espíritos Diversos - 1995
- 380 - Palavras de Chico Xavier - IDE - Emmanuel -1995
- 381 - Anotações da Mediunidade - CEU - Emmanuel - 1995
- 382 - Plantão de Respostas - CEU - Pinga Fogo II - 1995
- 383 - Elenco de Familiares - IDEAL - Espíritos Diversos - 1995
- 384 - Antologia da Juventude - GEEM - Espíritos Diversos - 1995
- 385 - Antologia da Amizade - CEU - Emmanuel - 1995
- 386 - Sínteses Doutrinárias - CEU - Espíritos Diversos - 1995
- 387 - Antologia da Esperança - CEU - Espíritos Diversos - 1995
- 388 - Doutrina Escola - IDE - Espíritos Diversos - 1996
- 389 - Saudação do Natal - CEU - Espíritos Diversos - 1996
- 390 - Paz e Amor - CEU - Cornélio Pires - 1996
- 391 - Alma do Povo - CEU - Cornélio Pires - 1996
- 392 - Paz e Libertação - CEU - Espíritos Diversos - 1996
- 393 - Novos Horizontes - IDEAL - Espíritos Diversos - 1996
- 394 - Oferta de Amigo - IDE - Cornélio Pires - 1996
- 395 - Degraus da Vida - CEU - Cornélio Pires - 1996
- 396 - Antologia do Caminho - IDEAL - Espíritos Diversos - 1997
- 397 - Toques da Vida - IDEAL - Cornélio Pires - 1997
- 398 - Trovas do Coração - IDE - Cornélio Pires - 1997
- 399 - Senda Para Deus - CEU - Espíritos Diversos - 1997
- 400 - Traços de Chico Xavier - CEU - Espíritos Diversos - 1997
- 401 - Pedacos da Vida - IDEAL - Cornélio Pires - 1997
- 402 - Caminhos da Fé - IDEAL - Cornélio Pires - 1997
- 403 - Caminhos da Vida - CEU - Cornélio Pires - 1997
- 404 - Pétalas da Vida - CEU - Cornélio Pires - 1997
- 405 - Caminho Iluminado - CEU - Emmanuel - 1998
- 406 - Agenda de Luz - IDEAL - Espíritos Diversos - 1998
- 407 - Trovas da Vida - CEU - Cornélio Pires - 1999
- 408 - Canteiro de Idéias - IDEAL - Espíritos Diversos - 1999
- 409 - Escada de Luz - CEU - Espíritos Diversos - 1999
- 410 - Viagens sem Adeus - IDEAL - Cláudio R. A. Nascimento - 1999
- 411 - Perdão e Vida - CEU - Espíritos Diversos - 2000
- 412 - Amor e Verdade - IDEAL - Espíritos Diversos - 2000

DESENCARNE

Na noite de domingo de 30 de junho de 2002, Chico Xavier morreu, aos 92 anos, na cidade de Uberaba, Minas Gerais. Ele estava com vários problemas de saúde e teve uma parada cardíaca. No próximo dia 08 de julho ele completaria 75 anos de atividade mediúnica.

Bibliografia

As vidas de Chico Xavier - Marcel Souto Maior

Traços bibliográficos, publicado pela Federação Espírita Brasileira – FEB.

REFLEXÃO

Mediunidade construtiva é luz divina para a qual é preciso conservar o pavio do amor cristão, o azeite da boa-vontade pura. Sem a preparação necessária, a excursão dos que provocam o ingresso no reino invisível é quase sempre, uma viagem nos círculos de sombra. Alcançam grandes sensações e esbarram nas perplexidades dolorosas, fazem descobertas surpreendentes e acabam nas ansiedades e dúvidas sem fim. Ninguém pode trair a lei impunemente, e, para subir, espírito algum dispensará o esforço de si mesmo, no aprimoramento íntimo.

André Luiz